



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS I – CAMPINA GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
CURSO DE PSICOLOGIA

**O PATINHO FEIO FORA DO DESEJO DO OUTRO: ENTRE O CONTO
E A REALIDADE, UM ESTUDO PSICANALÍTICO.**

JOSIANE DE AQUINO NOGUEIRA

CAMPINA GRANDE – PB
2015

JOSIANE DE AQUINO NOGUEIRA

**O PATINHO FEIO FORA DO DESEJO DO OUTRO: ENTRE O CONTO
E A REALIDADE, UM ESTUDO PSICANALÍTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Formação de Psicólogo e Licenciatura da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais, para obtenção do título de Psicólogo.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Jailma Belarmino Souto

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

N778p Nogueira, Josiane de Aquino.

O patinho feio fora do desejo do outro [manuscrito] : entre o conto e a realidade, um estudo psicanalítico / Josiane de Aquino Nogueira. - 2015.

64 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Psicologia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Ciências Biológicas e da Saúde, 2015.

"Orientação: Profa. Dra. Jailma Belarmino Souto, Departamento de Psicologia".

1. Psicanálise. 2. Amor. 3. Rejeição parental. 4. Desenvolvimento psicológico. I. Título.

21. ed. CDD 150.195

Josiane de Aquino Nogueira

**O PATINHO FEIO FORA DO DESEJO DO OUTRO: ENTRE O CONTO
E A REALIDADE, UM ESTUDO PSICANALÍTICO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Formação de Psicólogo e Licenciatura da Universidade
Estadual da Paraíba, em cumprimento às exigências legais,
para obtenção do título de Psicólogo.

Campina Grande – PB, 2015.

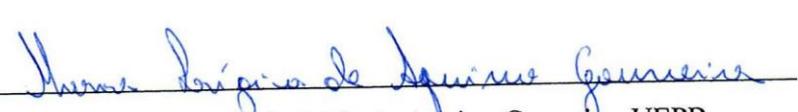
DATA DA APROVAÇÃO: 03 / 12 / 2015



Prof.ª Dr.ª Jailma Belarmino Souto - UEPB
Orientadora



Prof. Dr. Edmundo de Oliveira Gaudêncio - UEPB
Examinador



Prof.ª Dr.ª Maria Lígia de Aquino Gouveia - UEPB
Examinadora

Afetuosamente,

*Para todos os “Patinhos feios” que
viveram/vivem por aí, sem rumo, mundo
afora.*

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela presença constante, desde o início da minha jornada, na expressão do amor em suas mais variadas formas.

Ao meu pai – Josimar – pelo apoio e amor incondicionais, ao perceber que meu desejo tinha outra direção.

À minha mãe – Ana – por me ensinar, desde cedo, o valor da educação como alicerce para uma vida pautada na dignidade. Pelo entusiasmo sempre renovado e cheio de frescor por meus projetos; por vibrar com cada conquista minha.

Aos meus irmãos – Jailton, Kátia e Sara – pelo estímulo a mim oferecido para prosseguir nos momentos em que pensei em desistir; por me acompanharem, na presença física ou no pensamento, em todos os momentos de angústia e de satisfação. Amor eterno!

À minha primeira analista – Glacy Gonzales Gorski – por ter me contagiado com o desejo pela psicanálise, quando eu ainda nem fazia planos de cursar uma segunda faculdade.

Aos mestres que compartilharam seus conhecimentos com dedicação e compromisso. De modo especial, agradeço a Jorge Dellane, Edmundo Gaudêncio e Jailma Souto. A vocês que me guiaram para além das teorias, técnicas e filosofias, expressei meu agradecimento e profunda admiração, que sempre serão pouco, diante do muito que me foi oferecido.

Aos amigos que compartilharam comigo os anos de estudos e expectativas no cotidiano da vida acadêmica. De forma especial, agradeço a Edivan Gonçalves e a Patrícia Breckenfeld. Quando um “muito obrigada” não é capaz de carregar a intensidade de afeto que desejamos transmitir, recorremos ao simbolismo presente na arte dos poetas: “Abençoados os que possuem amigos, os que os têm sem pedir, porque amigo não se compra, não se vende, amigo a gente sente [...] Porque amigo é a direção; Amigo é a base quando falta o chão”. Por terem me ajudado a (re)erguer esse sonho; por tudo, minha gratidão e meu amor eterno!

À Gabrielly Batista de Sousa (*in memoriam*), por ter dividido comigo o espaço das salas de aula, durante os três primeiros anos de curso, iluminando com o seu sorriso contagiante, cada canto daquele departamento de Psicologia, cada dificuldade encontrada em nosso percurso acadêmico, o que tornou metade da caminhada, respeitosamente, mais leve. Gaby... Saudade eterna!

À minha analista – Ana Cláudia Vasconcelos – pela presença inconsciente em cada ato (re)inventivo; em cada encontro meu comigo mesma.

À minha supervisora de estágio – Elisângela Ferreira Barreto – pelos ricos ensinamentos a mim oferecidos, os quais eu levarei para além dos limites de um consultório; eu levarei para a vida!

De modo mui especial, agradeço a minha orientadora Jailma Souto, por ter acreditado em mim quando eu nem mais pensei que conseguiria galgar essa etapa da minha vida, esse sonho tão desejado. Obrigada por ter me acolhido, colocando-me nos trilhos; inscrevendo-se em mim, para sempre!

Ausência

*Por muito tempo achei que a ausência é falta.
E lastimava, ignorante, a falta.
Hoje não a lastimo.
Não há falta na ausência.
A ausência é um estar em mim.
E sinto-a, branca, tão pegada,
aconchegada nos meus braços,
que rio e danço e invento exclamações alegres,
porque a ausência, essa ausência assimilada,
ninguém a rouba [...] de mim.*

(Carlos Drummond de Andrade)

RESUMO

A relevância do amor no desenvolvimento da criança tem sido demonstrada por inúmeros autores que atestam a importância deste afeto ao causar no sujeito um desenvolvimento salutar com suas faltas. Reconhecer a importância do amor e incentivar a formação de relações mais saudáveis entre pais e filhos, desde os primeiros anos de vida da criança é o que este trabalho vem propor. Nesta perspectiva, buscou-se abordar, a partir do diálogo entre a Literatura e a Psicanálise, a relação entre a rejeição parental e as implicações no desenvolvimento psíquico do filho. Para que o estudo se realizasse, portanto, ele foi dividido em quatro capítulos. No primeiro deles foram apresentados os limites e as relações possíveis entre a Literatura e a Psicanálise, bem como a fundamentação do conto enquanto representação da estrutura humana. No segundo capítulo, após uma breve explanação sobre a origem do termo *amor*, foi abordada a relação entre o amor e o estado de desamparo humano, atentando para a importância deste afeto na constituição subjetiva do sujeito. Para esta discussão, levou-se em consideração os mecanismos utilizados pelo sujeito na escolha de seu objeto de amor, para que fosse possível a compreensão do fato de ser rejeitado por esse objeto resultar em tamanho sofrimento. No terceiro capítulo foi feita uma análise do livro *Dibs: Em busca de si mesmo*, um detalhado caso sobre rejeição, trabalhado pela psicóloga Virgínia Axline. No último capítulo, por fim, por meio do diálogo entre literatura e psicanálise, foi feita a análise do conto *O patinho feio*. Na parte última deste capítulo - sob a pretensão de reafirmar a relação entre a rejeição e o desenvolvimento psicológico da criança - foi abordado ainda algumas pesquisas realizadas ao redor do mundo, com suporte na teoria da aceitação-rejeição criada por Rohner. Pesquisas que se propõem a explicar e prever as principais causas e implicações da rejeição e aceitação parental na vida da criança.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura; Psicanálise; O patinho feio; Rejeição; Amor.

ABSTRACT

The importance of love in child development has been demonstrated by many authors that attest to the importance of this affection by causing the subject a healthy development with their faults. Recognizing the importance of love and encourage the formation of healthier relationships between parents and children, from the earliest years of a child's life is what this work proposes. In this perspective, we approach from the dialogue between literature and psychoanalysis, the relationship between parental rejection and the implications in the psychic development of the child. So this study was divided into four chapters. In the first were presented the limits and possible relationships between literature and psychoanalysis, including an explanation of the tale as a representation of the human structure. In the second chapter, after a brief explanation of the origin of the word love, it was discussed the relationship between love and the state of human helplessness; and the importance of this affection in the subjective constitution of the subject. For this discussion, took into account the mechanisms used by the subject in choosing his love object, to make it possible to understand the fact of being rejected by that object result in such suffering. In the third chapter was made an analysis of book *Dibs: In Search of himself*, a detailed case on rejection, worked by Virginia Axline. In the last chapter, finally, through dialogue between literature and psychoanalysis, was made the analysis of the tale *The Ugly Duckling*. And After - under the pretense of reaffirming the relationship between rejection and psychological development of the child – it was yet shown some research conducted around the world, with support acceptance-rejection theory created by Rohner. This research set out to explain and predict the main causes and implications of parental rejection and acceptance in the child's life.

KEYWORDS: Literature; Psychoanalysis; The Ugly Duckling; Rejection; Love.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I: LITERATURA E PSICANÁLISE	12
1.1 O LUGAR DA LITERATURA NA PSICANÁLISE: CONVERGÊNCIAS E LIMITES	13
1.2 O CONTO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA HUMANA	17
CAPÍTULO II: A NOBREZA DO AMOR NAS RELAÇÕES PARENTAIS	21
2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR	22
2.2 O AMOR E SUA RELAÇÃO COM O ESTADO DE DESAMPARO HUMANO	24
2.3 O AMOR EM SUA DIMENSÃO NARCÍSICA E A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO.....	26
CAPÍTULO III: DIBS: UM CASO SOBRE REJEIÇÃO	31
3.1 DIBS: EM BUSCA DE SI MESMO	32
3.2 O CASO DIBS SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE	33
CAPÍTULO IV: O PATINHO FEIO FORA DO DESEJO DO OUTRO	39
4.1 DESEJO É DESEJO DO OUTRO	40
4.2 O PATINHO FEIO: A REJEIÇÃO ENQUANTO DOR PSÍQUICA.....	43
4.3 ESTUDOS ATUAIS SOBRE OS EFEITOS DA REJEIÇÃO: UMA ABORDAGEM EMPÍRICA	47
CONSIDERAÇÕES FINAIS	52
REFERÊNCIAS	54
ANEXO	59

INTRODUÇÃO

Em todas as culturas e civilizações sempre se deu notícias da complicada relação mãe e filho. Relação, esta, que pode resultar, por inúmeras razões, no fenômeno da rejeição, seja em nível do discurso ou do próprio ato do abandono. Assim, a prática de rejeitar o filho se inscreve ao longo da história da humanidade, encontrando-se em inúmeros relatos que atestam sua veracidade, seja na literatura, em textos bíblicos, na mitologia grega ou em outras citações antigas, registrando essa dor em maior ou menor repercussão, dependendo do sujeito que a vivencia.

Acredita-se que o tema da rejeição desperta em grande medida peculiar interesse e curiosidade, uma vez que o ser humano, por estrutura, é produto da conjunção aceitação e rejeição; pode estar no lugar de falo e precisar cair desse lugar para se constituir sujeito desejante. Para o objetivo a que nos propomos, salientamos, contudo, que a rejeição a ser aqui abordada refere-se àquela estabelecida nas relações parentais, podendo ocorrer de várias formas: filhos que são abandonados pelos pais, levados para adoção; filhos que se sentem preteridos e percebem outro irmão como sendo mais querido; filhos que são criticados demais ou comparados negativamente com outras crianças.

De acordo com as reflexões propostas por Freud, pode-se afirmar que a rejeição, uma vez estando relacionada ao processo de escolha do sujeito, por seu objeto de amor, encontra-se dentre as diversas feridas narcísicas. Sabe-se que o sujeito busca alcançar sua completude através de um objeto idealizado. Considerando tal afirmação, para a discussão aqui levantada buscaremos analisar os mecanismos utilizados pelo sujeito na escolha de seu objeto de amor, para que em seguida possamos compreender porque o fato de ser rejeitado por esse objeto resulta em tamanho sofrimento. Um dos objetivos a que este trabalho se propõe é, portanto, compreender a maneira pela qual os seres humanos vivenciam a rejeição e o que faz com que esta seja sentida de maneira tão dolorosa.

Sabendo que este trabalho se dirige a, no mínimo, dois campos de saberes, Literatura e Psicanálise, pretendemos, no que tange à temática, manter o cuidado de apresentar as relações entre estes campos, para possibilitar os melhores resultados esperados por esta interação dialógica. Com o objetivo de reafirmar a relação entre a rejeição e o desenvolvimento sócio emocional da criança, traremos ainda para a discussão alguns estudos realizados ao redor do

mundo sobre os efeitos psíquicos da rejeição - baseados na teoria da aceitação-rejeição de Rohner.

Nesta perspectiva, para que este estudo se realizasse dividimo-lo em quatro capítulos. No primeiro deles, propusemo-nos a apresentar os limites e as relações possíveis entre a Literatura e a Psicanálise, bem como a fundamentação do conto enquanto representação da estrutura humana. Para esta exposição, renomados teóricos estão convidados, tais como: Sigmund Freud, Jacques Lacan, Villari, Bettelhen, dentre outros não menos importantes.

Considerando que para que possamos inferir o que faz com que um ser humano sofra tão fortemente em decorrência de uma rejeição parental, é necessário demarcar o campo do amor, para que depois se chegue a uma nova definição psicanalítica da dor em ser rejeitado. Nesta perspectiva, no segundo capítulo será abordada a importância do amor nas relações parentais. Após uma breve explanação sobre a origem do termo *amor*, este capítulo pretende mostrar que, de acordo com a Psicanálise, há na gênese do homem um desamparo fundamental: um estado que revela a sua impotência diante da vida, sua incapacidade frente à tensão interna inerente à sua estrutura psíquica. Passaremos ao estudo dos conceitos psicanalíticos sobre o narcisismo, ideal do eu, formação subjetiva do sujeito e as pulsões que determinam a sua conduta. Participam desta exposição, como não poderia deixar de ser: Sigmund Freud, Jacques Lacan, Elizabeth Roudinesco, Erich Fromm, Platão, além de outros nomes não menos ilustres.

No terceiro capítulo será feita uma análise do livro *Dibs: Em busca de si mesmo*, um detalhado caso trabalhado pela psicóloga Virgínia M. Axline, uma das pioneiras no uso da ludoterapia - abordagem psicoterápica infantil que, assim como a psicanálise, defende o fato de que o brincar é um meio natural, no qual a criança é capaz de libertar seus sentimentos, aprendendo a lidar com o seu sofrimento. O caso retratado no livro é situado como referência na prática dos que desenvolvem um trabalho pautado na ludoterapia. Contudo, tendo em vista que o sofrimento da criança perpassa o estudo de tal abordagem, apresentando-se, esta, como apenas uma das formas de lidar com a dor manifesta, pretende-se, no teor do texto, sem a intenção de esgotar aqui o estudo do caso, analisar determinados trechos da obra, tendo como eixos norteadores a psicanálise de Freud a Lacan.

No quarto e último capítulo será feita a análise, por meio do diálogo entre literatura e psicanálise, do conto *O patinho feio* - a história de uma ave cuja feiura causava espanto e desprezo por parte dos seus familiares, mas que no final, pela via do amor e aceitação recebidos por parte de quem a rodeia, a avezinha consegue superar as adversidades e emergir, sobretudo emocionalmente/subjetivamente, enquanto um belíssimo cisne. O autor da saga do

patinho sofredor é o dinamarquês Hans Christian Andersen. O livro constitui-se como um verdadeiro sucesso, não por acaso, mas por conter belíssimas ilustrações, acompanhadas de um texto primoroso, por despertar em crianças, jovens e adultos de todas as idades, sentimento de amor ao próximo, de solidariedade e respeito às diferenças.

Se a linguagem é o fio condutor entre Literatura e Psicanálise, por meio da qual o inconsciente se revela em ambos os discursos, espera-se que a partir da contribuição dos teóricos aqui reunidos, os objetivos deste trabalho possam ser alcançados. E, através do mergulho nas dimensões do inconsciente e do desejo, possamos na parte final deste estudo, possibilitar um novo olhar em defesa dos muitos “patinhos feios” que caminham sem rumo; por aí; mundo afora.

Capítulo 1

Literatura e Psicanálise



Aonde quer que eu vá, eu descobro que um poeta esteve lá antes de mim.

(Sigmund Freud)

1.1 O LUGAR DA LITERATURA NA PSICANÁLISE: CONVERGÊNCIAS E LIMITES

Escritores criativos são aliados muito valiosos [...] estão bem adiante de nós, gente comum, no conhecimento da mente (Sigmund Freud).

Pensar as relações entre a Literatura e a Psicanálise implica delinear dois singulares campos de conhecimento que, embora diferentes e excludentes, são possivelmente dialógicos, sob certos limites. Cabe salientar que, o que aqui chamamos de convergências e limites diz respeito não à pura articulação entre os referidos campos, mas, sobretudo, ao efeito de descoberta em termos de produção, ou seja, ao trabalho que não se esgota puramente no reencontro da teoria psicanalítica no texto literário. Consideramos este efeito de produção como a geração de textos sustentados pelo diálogo, no campo da intertextualidade.

Quem inaugura essa relação, instituindo, a nosso ver, um rico - ainda que desafiador - campo de diálogo, é por excelência Sigmund Freud, o criador da Psicanálise. Ao considerarmos que a relação entre esses dois campos abre um leque de desafios sobre a possibilidade dessa articulação, iniciaremos este capítulo levantando algumas considerações sobre os limites e trocas prováveis entre essas duas áreas de conhecimento.

De acordo com Villari (2000), entre a literatura e a psicanálise foi estabelecida uma relação aditiva e outra extrativa. Nesta última, busca-se resgatar do texto literário a particularidade que possa nutrir a psicanálise; naquela, tenta-se acrescentar sentido ao literário a partir da interpretação psicanalítica. O que demonstra uma reciprocidade entre esses campos de saberes, uma vez que ora pretende-se analisar o texto literário, ora servir-se dele como instrumento.

Willemart (2002) afirma que a Psicanálise, desde cedo, aprendeu a dialogar com outras ciências, não privando Freud de fontes como a literatura, a medicina, a filosofia, a antropologia, dentre outras. Todo aquele que já se debruçou sobre a obra freudiana não ignora a frequência com a qual o pai da psicanálise cita Sófocles, Shakespeare, Goethe, Dostoiévskie, entre muitos outros autores literários. Concordando com Campos e Castro (2014), em obras como *A interpretação dos sonhos (1900)*, *Sobre a psicopatologia da vida cotidiana (1901)* e *Os chistes e sua relação com o inconsciente (1905)*, pode-se encontrar disseminados exemplos bastante recorrentes nos quais Freud ilustra, com frases de romances, trechos de peças teatrais e versos poéticos, o uso que faz das belas artes.

Sobre as relações entre Literatura e Psicanálise, outro teórico que merece destaque é Jacques Marie Émile Lacan, releitor e potencializador da obra de Freud. Em suas postulações a respeito da formação do inconsciente reexaminou toda a área da linguagem, centrando-a no conceito de significante, tirado da linguística Saussuriana. Lacan (1957) afirma que o inconsciente é estruturado como linguagem, sendo, pois, a linguagem condição para o inconsciente. Considerando a contribuição de Lacan ao trabalho iniciado por Freud, Perrone-Moisés (1990) destaca:

Ao colocar como ponto de partida de sua teoria, que ‘o inconsciente é estruturado como uma linguagem’, e ao propor um trabalho de tipo sintático, que busca captar a cadeia de significantes e não o significado último (vazio), essa corrente psicanalítica nos permite: (1) lembrar que o texto literário é, antes de mais nada, obra de linguagem; (2) abandonar a miragem de uma interpretação última e definitiva; (3) privilegiar a produção do sentido e não a troca enganosa de sentidos plenos prévios; (4) dispensar o biografismo, que confunde indivíduo falante com enunciador (p. 112).

Nessa medida, partindo do pressuposto de que tanto a Literatura quanto a Psicanálise têm como base a linguagem, acredita-se que a teoria de Lacan tem grande importância quando se tenta demonstrar a relação entre estes dois campos de saberes.

Willemart (2002), baseado em Lacan e sabendo que há no texto sempre um sentido manifesto e um sentido latente a ser descoberto, retoma as três categorias do inconsciente - denominadas Real, Imaginário e Simbólico - e mostra como essas instâncias são visíveis no texto literário. Conforme explica o autor, o Real – o impossível de ser dito – manifesta-se na ficção através das produções de escritores e poetas.

O crítico literário, usando a teoria psicanalítica, anuncia o pedaço de Real com que o escritor ou o poeta trabalha. Depois, situando a obra no seu contexto histórico, na corrente das ideias e das mentalidades, na história da retórica e das figuras de estilos, descobre em qual Simbólico a obra se insere. O imaginário é o registro que unifica as partes dispersas, dando e organizando sentidos, estabelecendo a coerência da narrativa (op. cit., p.23.).

Nesta perspectiva, outro aspecto que torna possível a aproximação da literatura e Psicanálise - como caráter extrativo da relação - é o de tomar o texto literário como instrumento para se investigar o real, que o próprio Freud, com o que dispunha em sua teoria, não conseguiria fazer. Destarte, utiliza-se a Literatura para dizer aquilo que a Psicanálise não

alcança. Dito de outro modo, ao se propor um questionamento sobre o saber psicanalítico, buscam-se respostas no texto literário. De acordo com Villari (2000):

Trata-se de procurar um bem-dizer, colocando o privilégio do saber no texto literário, vendo como aqueles que sabem lidar com a escrita conseguem circular pelo simbólico. No caso, pensamos em sutis condições de nos aproximarmos do real pelo simbólico, sabendo, com J. Lacan, que não nos é dado aceder o real – que se nos apresenta como impossível - a não ser através do simbólico e do imaginário (p.4).

Percebe-se, deste modo, a Literatura como via de acesso ao real, iluminando com seu dizer, “delineando o que nos parece constituir a atitude propriamente freudiana de investigação: encontrar nos grandes escritores da Literatura o campo de onde resgatar algo do conhecimento da alma humana” (op. cit., p.7).

Como vimos anteriormente, em toda a obra de Freud é possível encontrar disseminados exemplos bastante recorrentes com frases de romances, trechos de peças teatrais e versos poéticos. A importância que Freud atribuía à literatura é também salientada por Lacan (1976), em uma entrevista com estudantes da Universidade de Yale, ao comentar que Freud era ávido de literatura, pois ela “lhe servira para franquear [...] o inconsciente” (p. 33). Para confirmar a veracidade de tal afeição, basta que reconheçamos, no legado deixado por Freud, o lugar nuclear do mito edípico, tomado emprestado à tragédia de Sófocles¹. De acordo com Silva (2007):

O pai da psicanálise [...] declarou por diversas vezes que a fonte de seu aprendizado advinha dos grandes mestres da literatura. Observou na representação da tragédia grega de Sófocles o destino de Édipo e o transferiu, como um paradigma do destino humano na relação de amor com o par parental (p. 168).

¹ A tragédia de Sófocles conta que Laio, Rei de Tebas e marido de Jocasta, vivia amargurado por não ter filhos, pelo que decidiu consultar o Oráculo, tendo-lhe, este, advertido que o filho que gerasse havia de o assassinar. Apesar das advertências, Jocasta engravida e Laio, quando o bebê nasceu, ordenou a um servo que o pendurasse pelos pés numa árvore, para que este morresse. Daí o nome Édipo (que significa pés inchados). O servo de Laio, desrespeitando as ordens, acabou por colocar a criança num cesto e jogou-a ao rio, acabando este, por ser resgatado por um rei de uma terra distante, que o elegeu como seu filho. Este, já homem, também consultou o Oráculo, o qual o aconselhou a evitar a sua pátria, pois iria ser o assassino de seu pai e marido de sua mãe. Desconhecendo as suas origens e pensando-se filho de Pólipo e Mérope, reis de Corinto, Édipo decidiu partir rumo a Tebas. Durante o seu percurso e no meio de uma encruzilhada, deparou-se com um velho com o qual manteve uma acérrima discussão acabando por matá-lo. Chegando a Tebas decifrou o enigma da Esfinge (monstro com cabeça de mulher e corpo de leão), que impossibilitava a entrada na cidade, e como nunca ninguém o havia decifrado, a Esfinge jogou-se ao mar, tendo Édipo libertado a cidade da sua maldição. Creonte, irmão de Jocasta, havia prometido a mão desta a quem libertasse a cidade da Esfinge, ganhando assim, Édipo, o direito a casar com Jocasta, agora viúva. Eles casaram, Édipo foi proclamado Rei e tiveram dois filhos e duas filhas, reinando sem grandes dificuldades, até o dia em que se instala a peste na cidade e Édipo decide consultar o Oráculo, que lhe refere que a peste cessaria quando fosse expulso o assassino de Laio. Édipo dispôs-se a encontrá-lo, mas quando se apercebeu que ele próprio fora o assassino de Laio, seu pai, e o esposo de sua mãe, e vendo que apesar de fugir contra a profecia esta acabou por se realizar, arrancou os olhos e deixou a sua pátria.

Mas é no estudo que Freud atribuiu ao romance *Gradiva*² de Jensen que encontraremos a primeira investigação psicanalítica completa de uma obra literária. Neste estudo, como objetivo principal, Freud buscou, a partir da história e das atividades mentais dos dois personagens principais³, analisar os sonhos descritos no romance, com a necessidade de melhor favorecer o trabalho iniciado na obra *A interpretação dos Sonhos*, verificando se os “sonhos [...] criados por escritores imaginativos e por estes atribuídos ao personagem de uma história” (FREUD, 1906, p. 17) têm a mesma validade quando analisados sob a mesma ótica com que são os sonhos concretos, os sonhos reais.

Como resultado de sua análise e indo contra qualquer pesquisa científica que afirme o fato dos sonhos serem apenas efeito de estímulos fisiológicos, Freud encontra nos escritores criativos mais respaldos para comprovar sua tese do sonho como uma produção subjetiva do sonhador. Cabe observar ainda que a obra de Wilhelm Jensen, publicada originalmente em 1903, tornou-se célebre a partir do estudo que Freud lhe consagrou em 1907, sob o título *Delírios e Sonhos na “Gradiva” de Jensen*, reafirmando na teoria e na prática a rica possibilidade de articulação entre esses dois campos do conhecimento, quais sejam: a Literatura e a Psicanálise.

Ao tomarmos conhecimento sobre as histórias e os sonhos descritos na *Gradiva de Jensen*⁴, o conto nos desperta interesse do ponto de vista da psicanálise aplicada a uma obra literária; e com igual importância nos remete a pensar do ponto de vista clínico e teórico, como não poderíamos deixar de ressaltar. James Strachey, editor inglês da edição Standard das Obras Completas de Freud, salienta o fascínio sempre exercido sobre este pela arqueologia, em geral; e por Pompeia⁵, em particular. Fascínio exercido através da “analogia existente entre o destino histórico de Pompeia (o soterramento e a posterior escavação) e os

² Uma fantasia pompeiana do dramaturgo e romancista alemão Wilhelm Jensen (1837-1911), publicada originalmente em 1903.

³ O jovem arqueólogo Norbert Hanold e Zoe Bertgang, sua amiga de infância reencontrada em uma situação supostamente inusitada.

⁴ O conto de Jensen descreve a história de um jovem arqueólogo chamado Norbert Hanold, que descobriu em um museu de antiguidades em Roma um relevo que muito lhe atraiu, do qual conseguiu com grande prazer realizar uma excelente cópia de gesso. A escultura representava uma jovem adulta cuja veste esvoaçante revelava os pés calçados com leves sandálias. Um dos pés repousava no solo, enquanto o outro já flexionado para o próximo passo apoiava-se somente nas pontas dos dedos estando a planta e o calcanhar perpendiculares ao solo. Ele não pode explicar a si mesmo o que havia nele que atraía sua atenção. Só sabia que fora atraído por algo e desde aquele instante o efeito permanecera inalterado. Chamou a figura de Gradiva – a jovem que avança.

⁵ Cidade romana, situada próxima ao vulcão Vesúvio (arredores de Nápoles, sul da Itália). A antiga cidade foi destruída durante uma grande erupção do vulcão Vesúvio em 79, que provocou uma intensa chuva de cinzas e sepultou completamente a cidade. Ela se manteve oculta por 1600 anos, até ser reencontrada em 1748. Cinzas e lama protegeram as construções e objetos dos efeitos do tempo, moldando também os corpos das vítimas, o que fez com que fossem encontradas do modo exato como foram atingidas pela erupção. Desde então, as escavações proporcionaram um sítio arqueológico extraordinário, que possibilita uma visão detalhada da vida de uma cidade dos tempos da Roma Antiga.

eventos mentais que lhe eram tão familiares: o soterramento pelo recalçamento e a escavação pela análise”⁶.

Como vimos, desde Freud, passando por Lacan, as relações entre literatura e psicanálise comungam inquestionável afinidade. Contudo, alguns pontos se colocam como limites nessa dupla vertente de cruzamento. De acordo com Silva (2007), um dos principais cuidados que se deve ter, nesta interlocução, refere-se ao trânsito de mão única, de modo que a Psicanálise se beneficie sem oferecer igual retorno, risco que se funde com a possibilidade de olhar o texto como um “inconsciente literário” a ser esgotado. “Outro grande equívoco seria buscar no texto as pistas inconscientes do autor e não fazer distinção entre a fala do narrador e do escritor” (op. cit., p. 165).

Ainda que na análise freudiana de textos literários encontremos a vinculação entre obra e autor, o próprio Freud reconheceu a limitação desse trabalho ao afirmar que: “diante do problema do artista criador, a análise, ai de nós, tem que depor suas armas.” (FREUD, 1927, p. 205). A esse respeito, acrescentamos o fato de que um texto é passível de várias leituras e interpretações, de acordo com a visão de cada leitor, como afirma Villari (2002, p. 23): “Na verdade o texto diz na medida em que é lido. Convocamos então a figura do leitor. É este quem possibilita que o texto diga através dele, introduzindo-se nas possibilidades de análise”.

A partir destas considerações sobre a interlocução entre literatura e psicanálise, percebe-se que várias são as portas de entrada para um aprofundamento na instigante investigação da interface destes campos. Acreditamos que essa breve explanação é válida no sentido de elucidar algumas questões iniciais referentes ao tema. Ressaltamos que a relação entre a literatura e a psicanálise inaugurada e mantida por Freud no decorrer de seus escritos, tem se sustentado como um profícuo campo de pesquisa, oferecendo ao texto literário e recebendo do mesmo, contribuição atrelada à riqueza de detalhes nele existente, sem a pretensão de esgotá-lo em seus múltiplos sentidos.

1.2 O CONTO ENQUANTO REPRESENTAÇÃO DA ESTRUTURA HUMANA

O conto [...] enriquece a existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à [...] diversidade de contribuições que [eles] dão à vida da criança (Bruno Bettelhem).

⁶Freud, S. Delírios e sonhos na “Gradiva” de Jensen, op. cit., Nota do editor inglês, pp. 14-15.

Para compreendermos o papel que a literatura, de modo geral; e os contos, em particular, desempenham na formação do homem, inicialmente acreditamos ser relevante tomarmos conhecimento sobre as circunstâncias que provocaram o seu aparecimento no universo infantil.

De acordo com Cadermartori (1994), a literatura infantil divide-se em duas fases: a lendária e a escrita. A lendária nasceu da necessidade que tinham as mães de contar, aos seus filhos, coisas que os rodeavam, diante da importância de transmitir a sabedoria dos antigos às futuras gerações. Os primeiros livros infantis surgiram a partir das histórias contadas oralmente. Assim como o mito ou a lenda, o conto originou-se na memória coletiva pelo intermédio de um narrador anônimo e, como tal, inscreveu-se numa tradição.

As primeiras obras para crianças das quais temos conhecimento foram produzidas na França, no final do século XVII: “*As Fábulas de La Fontaine* (1668) e os *Contos da Mãe Gansa* (1691/1697) de Charles Perrault” (COELHO, 1991, p.75). Depois apareceram os irmãos Grimm, Andersen, entre outros autores, não menos ilustres.

Nos seus primórdios, a literatura infantil surgiu e serviu à proposta burguesa de formar mentalidades, de impor sua ideologia. Os textos destinados ao leitor mirim tinham uma função formadora, apresentavam modelos de comportamento que objetivavam promover a integração da criança na sociedade.

No Brasil, a produção literária infantil surgiu no final do século XIX. A partir da década de 70, com os escritos de Monteiro Lobato, o texto destinado ao pequeno leitor sofre uma virada temática e passa a se sustentar em novos paradigmas: a valorização do pensamento crítico, da criatividade, da independência e da emoção infantil. Monteiro Lobato, assim, fez-se representar como um divisor de águas na literatura infantil. Com seu brilhantismo, rompe com a dependência do padrão europeu e introduz a oralidade tanto na fala dos personagens como no discurso do narrador, com linguagem simples onde fantasia e realidade se apresentam lado a lado (NOGUEIRA, 2014).

Na contemporaneidade, o livro infantil apresenta a realidade, sim - os problemas sociais, políticos e econômicos - mas ao oferecer uma nova concepção de texto escrito, aberto a múltiplas leituras, transforma o texto destinado ao pequeno leitor em suporte para experimentação no mundo. Ao assim fazer, não foge do lúdico, pois continua a transmitir emoções, a despertar curiosidade e a produzir novas experiências. As histórias, ao apresentarem as dúvidas do homem em relação a si e ao mundo em que vive, abrem espaço para o questionamento e a reflexão, facilitando à criança emancipar-se em relação aos conflitos inerentes ao seu amadurecimento pessoal (op. cit., 2014).

A respeito da interface entre literatura e psicanálise, os contos, em particular, são histórias que tocam profundamente e nos conquistam na mais tenra idade, quando ainda vivemos no período mais frutífero e repleto de significados: a infância. É nele que vivenciamos as experiências, as fantasias, as alegrias e dramas que vão moldar nossa subjetividade, nosso caráter, nosso jeito de interagir e ver o mundo.

Bettelheim (2002) afirma que, o simbolismo presente nos textos infantis, principalmente nos contos maravilhosos, está diretamente ligado aos conflitos que o homem enfrenta ao longo de seu amadurecimento emocional. As emoções ou o prazer que as histórias proporcionam, o significado simbólico que está implícito nas tramas e personagens age de forma indelével no inconsciente das crianças, atuando pouco a pouco para ajudá-las a resolver os conflitos interiores normais nessa fase da vida.

Para o autor (op. cit., p.12), “o conto de fadas [...] oferece significado em tantos níveis diferentes, e enriquece a existência de tantos modos que nenhum livro pode fazer justiça à [...] diversidade de contribuições que esses contos dão à vida da criança.”. Neste sentido, a Literatura, especialmente os contos de fada podem ser decisivos para a formação da criança em relação a si mesma e ao mundo à sua volta. As relações existentes entre o bem e o mal, o belo e o feio, o poderoso ou o fraco facilitam a compreensão da criança em relação a certos valores básicos da conduta humana ou convívio social. Tal dicotomia, se transmitida através de uma linguagem simbólica, e durante a infância, não será prejudicial à formação da consciência ética da criança.

A criança é levada a se identificar com os bons personagens da história (o herói bom e belo), não por sua bondade ou beleza, mas por identificar neles a própria personificação de seus problemas infantis: seu inconsciente desejo de bondade e beleza e, principalmente, sua necessidade de segurança e proteção. Uma criança se identifica com o que o conto diz, porque a visão do mundo nele apresentada está de acordo com a sua. Assim, ela vê, por meio das histórias lidas, a possibilidade de superar o medo que a inibe de enfrentar os perigos e ameaças que sente à sua volta, podendo alcançar gradativamente o equilíbrio adulto. (BETTELHEIM, 2002).

Destarte, a literatura, independente do conteúdo de sua informação, é um tipo de discurso que atua diretamente na constituição do sujeito, falando-nos da estrutura humana, pela via dos seus efeitos na psique. De acordo com Bellemin-Noël (1978), é através da literatura “que tomamos consciência de nossa humanidade [...] é por ela que o homem se interroga sobre si mesmo, sobre seu destino cósmico, sua história, seu funcionamento social e mental” (p. 12). Pode-se afirmar, então, que tanto a leitura do texto maravilhoso, quanto a

leitura do texto realista cumprem o papel de transformar a infância, constituindo-se num fator de liberdade e de transformação dos homens.

Diante destas reflexões, percebe-se que longe de serem apenas histórias "inocentes", os contos são autênticas obras de arte, com profundos significados psicológicos na formação e constituição subjetiva de todo homem.

Capítulo 2

A nobreza do amor nas relações parentais



*Como fica forte uma pessoa quando está segura de ser amada.
(Sigmund Freud)*

2.1 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O AMOR

Ainda que [...] conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e [...] tivesse toda a fé de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse [amor], nada seria (I Coríntios, 13:2).

A palavra amor vem do latim *amor*, prestando-se, na Língua Portuguesa, a vários significados, tais como: amizade, dedicação, afeição, ternura, desejo, paixão, objeto amado (HOUAISS, 2001).

Ao procurar a etimologia da palavra amor, encontramos na mitologia greco-romana umas das primeiras formulações e significado para o termo. Segundo tal mitologia, é a partir do mito de *Eros*⁷ - o deus do amor - que se dá tal compreensão. De acordo com Braz (2005, p. 64-65), “Eros é a divindade primordial ou original responsável pela união amorosa entre os seres. Com isso, pode-se dizer que ele é preponderante para o surgimento da vida no universo, visto que apresenta grande influência sobre todas as coisas da natureza”.

A abordagem sobre a origem de *Eros* tem como base de referência clássicos autores como Platão (2000) e Hesíodo (1987). Platão, em *O Banquete* – considerado sua mais brilhante criação - compara *Eros* a um médico. Para o filósofo, *Eros* pode ser comparado a um médico dos males, protetor dos humanos, que se fossem curados, tal feito resultaria na mais perfeita felicidade da raça humana, sendo *Eros*, por essa razão, considerado o mais filantrópico dentre todos os deuses.

Para Hesíodo (1987), não há ser que não se curve perante a onipotência de *Eros*, sendo este a força cósmica da fecundação e multiplicação, logo, da perpetuação da vida, proporcionando harmonia na relação entre os seres que se unem. Indubitavelmente, esse deus também traz o poder de unir e ordenar as diferentes forças do universo, possibilitando a afinidade universal. Seu poder, para além da força da natureza animada, é capaz de unir, misturar e multiplicar não apenas os seres humanos; seus domínios envolvem a natureza como um todo.

⁷ *Eros* nasceu do caos (vazio primordial; vale profundo); foi concebido da união de Póros (Expediente) e de Penía (Pobreza), no Jardim dos Deuses, após um grande banquete, em que se celebrava o nascimento de Afrodite – deusa do amor. Em face desse parentesco tão díspar, *Eros* tem caracteres bem definidos e significativos: sempre em busca de seu objeto, como Pobreza e "carência". Sabe, contudo, arquitetar um plano, como Expediente, para atingir o objetivo, "a plenitude". Longe de ser um deus todo-poderoso, *Eros* é uma força, uma "energia", perpetuamente insatisfeito e inquieto: um sujeito em busca do objeto (BRANDÃO, 1986, p.187). Freud indica ser *Eros* a mais poderosa força motriz do gênero humano, sendo ela que suporta a resistência à destruição e a valorização de Ananké (necessidade) como sua eterna incentivadora (TEIXEIRA, 2002, p. 198).

Para tentarmos apreender os significados do Amor, tão importante quanto o pensamento grego é a influência dos ideais cristãos. Na Bíblia Sagrada, duas passagens se apresentam como fundamentais para nossa discussão. A primeira delas é quando são descritos os dez mandamentos, tanto no livro de Êxodo (Cap. 20), quanto em Deuteronômio (Cap. 05). No Evangelho de Marcos, a ênfase repousa em dois dos mais importantes mandamentos:

“O primeiro de todos [...] é: Ouve, Israel, o Senhor nosso Deus é o único Senhor. Amarás, pois ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todo o teu entendimento, e de todas as tuas forças: Este é o primeiro mandamento. E o segundo, semelhante a este é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo⁸. Não há outro mandamento maior do que estes.” (Cap.12: 29-31).

A segunda passagem que acima mencionamos é quando o apóstolo Paulo dá seguimento aos mandamentos de Jesus, definindo o amor nas entrelinhas do discurso sobre a fé, a esperança e a caridade. Como nos revela o trecho a seguir:

Ainda que eu falasse as línguas dos homens e dos anjos, e não tivesse [amor], seria como o metal que soa, ou como o sino que tine. E ainda que tivesse o dom de profecia, e conhecesse todos os mistérios e toda a ciência, e ainda que tivesse toda a fé de maneira tal que transportasse os montes, e não tivesse [amor], nada seria (I CORINTIOS, cap. 13: 1-2, grifo nosso).

O tema do amor também ocupou singular importância na obra de Freud. Para o pai da psicanálise, o amor seria o fundamento básico sobre o qual repousa todo o processo de desenvolvimento do homem e da civilização, tendo como paradigma fundamental o complexo de Édipo. Um amor de natureza sexual, definido por sua emergência, a partir das relações entre a criança e as figuras parentais. Dessa base edípica é que surgiriam as relações com o mundo e a cultura; pela via do amor sublimado e substitutivo dos desejos primeiros (FLEURY, 2011).

Erich Fromm (1991), em sua obra *A Arte de amar*, também nos apresenta um conceito ímpar para o amor. De acordo com o autor, o amor é uma arte que precisa ser apreendida na teoria e desenvolvida na prática, necessitando, para tanto, de esforço e disciplina, como em toda arte, para que se alcance êxito, tornando-se algo natural no ser humano.

Diante destas considerações, percebe-se que definir o amor, mais do que uma demonstração de conhecimento, é antes uma empreitada desafiadora, dada a diversidade de

⁸ É oportuno destacar que, para Freud, nada mais pode ir tão fortemente contra a natureza original do homem do que tal mandamento, uma vez que apesar de todos os empenhos da civilização, “os homens [...] são criaturas entre cujos dotes instintivos deve-se levar em conta uma poderosa quota de agressividade” (FREUD, 1929, p. 116). Daí, para o autor, a impossibilidade de se cumprir tal mandamento.

conceitos, repletos de peculiaridades que tornam o tema tão singular quanto complexo. Na arte, também, como não poderia deixar de ser, muitos poetas e músicos decantaram essa forma de afeto; e, sem dúvida, Luís Vaz de Camões é o poeta por excelência, que por meio de seus versos buscou expressar a complexidade, a grandeza do tal amor. É o que demonstra o soneto abaixo:

*Amor é um fogo que arde sem se ver;
É ferida que dói e não se sente;
É um contentamento descontente;
É dor que desatina sem doer.*

*É um não querer mais que bem querer;
É um andar solitário entre a gente;
É nunca contentar-se de contente;
É um cuidar que ganha em se perder;*

*É querer estar preso por vontade;
É servir a quem vence, o vencedor;
É ter com quem nos mata, lealdade.*

*Mas como causar pode seu favor
Nos corações humanos amizade,
Se tão contrário a si é o mesmo Amor?*

No último verso Camões faz um questionamento universal e não fecha a discussão, mostrando a impossibilidade de definir o amor sob um único ponto de vista. A lista e tentativas de definições para este afeto é consideravelmente longa. Seja na gramática, na filosofia, na música, na poesia, etimologia, a verdade é que basta estar vivo para sentir que o amor, em sua plenitude, transcende qualquer ciência. Ocupando espaços das mais variadas dimensões, o amor nasce, cresce e se multiplica edificado como o que há de mais nobre no espírito e no coração dos homens.

2.2 O AMOR E SUA RELAÇÃO COM O ESTADO DE DESAMPARO HUMANO

O fator biológico [...] estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida (Sigmund Freud).

O estado de desamparo parece ser um conceito chave para nossa reflexão sobre a rejeição, pois delineia um fundamento importante sobre o qual tentaremos sustentar a ligação entre o funcionamento psíquico da criança e sua subjetividade. Sabe-se, a partir da teoria psicanalítica, que a perda do objeto é um “momento fundamental da estruturação do

psiquismo [da criança], durante o qual se instaura uma nova relação com a realidade” (GREEN, 1988, p. 241, grifo nosso).

Em *Inibições, sintomas e ansiedade* (1926), Freud aponta o trauma do nascimento como o protótipo da situação de angústia, não apenas pela separação do bebê de seu objeto de amor, mas principalmente por se referir a uma angústia não inscrita no campo das representações. Com tal separação, o bebê só consegue perceber o fenômeno somático da angústia, restando-lhe apenas uma posição de desamparo.

A partir do nascimento, ocorreria um transbordamento de energia sem representação, apontando ao sujeito a experiência radical da morte. Pelo fato de não conseguir representar o perigo real da morte, o bebê somente apreende a experiência corporal da angústia, cabendo ao Outro materno introduzir investimentos libidinais que estruturam a pré-história desse sujeito. Deste modo, “o que faz do nascimento um evento traumático é justamente o fato de estar relacionado a um aumento de tensão acima do limite tolerável” (ZORNIG e LEVY, 2006, p. 2).

O transbordamento de energia é sentido pelo bebê como um ataque interno, reativado em toda a angústia posterior. Neste momento, a função dos pais constitui-se como um fator de fundamental importância no desenvolvimento da criança, no que se refere à complexa passagem do princípio de prazer para o princípio de realidade.

De acordo com Veludo e Viana (2012), o bebê da espécie humana chega ao mundo num estado bem menos acabado, quando comparado aos bebês de outras espécies. Como resultado:

A influência do mundo externo real sobre ele é intensificada e uma diferenciação inicial entre o ego e o id é promovida. Além disso, os perigos do mundo externo têm maior importância para ele, de modo que o valor do objeto que pode somente protegê-lo contra eles e tomar o lugar da sua antiga vida intrauterina é enormemente aumentado. O fator biológico, então, estabelece as primeiras situações de perigo e cria a necessidade de ser amado que acompanhará a criança durante o resto de sua vida (FREUD, 1926, p. 151).

Neste sentido, a necessidade de ser amada surge alicerçada em substrato de fatores biológicos, o que forçaria a criança a passar do princípio de prazer para o princípio de realidade, aceitando as restrições impostas a suas pulsões sexuais pelo objeto capaz de suprir suas necessidades. O alicerce desta relação seria estabelecido desde muito cedo. O bebê cedo percebe, por experiência própria, que sua mãe, quando presente, “satisfaz todas as suas necessidades sem delongas” (op. cit., p. 136). A manutenção desse amor seria, portanto, fundamental para a criança.

Estudos de autores como Spitz e Cobliner (1965), Bowlby (1979), Golse (2003), Lebovici (1987) e Cramer e Palácio-Espaza (1993) apontam que o desinvestimento abrupto desse amor materno na vida da criança, na mais tenra idade, incapazes de assimilar o que está ocorrendo, produz traumáticos efeitos. Segundo Winnicott (1975), o fato da mãe não ser suficientemente boa é o que causaria tais traumas. Para o autor: “A mãe suficientemente boa é aquela que efetua uma adaptação ativa às necessidades do bebê, uma adaptação que diminui gradativamente, segundo a crescente capacidade deste em aquilatar o fracasso da adaptação e em tolerar os resultados da frustração (p. 25)”. Deste modo, o autor ressalta que esse desamparo somente ocorreria a partir de uma ruptura na continuidade dos cuidados parentais. O que a rigor difere do que é proposto por Freud, quando este enfatiza o trauma inerente ao desamparo humano como algo estrutural do sujeito e não como algo atrelado a existência ou não dos cuidados parentais.

Considerando tais premissas, pode-se empreender que não há mãe que seja suficientemente boa em nenhuma instância, visto que os referidos cuidados são do ponto de vista fenomenológico; e a estruturação psíquica é inconsciente. Deste modo, tal ajuda parental jamais será suficiente, especialmente no que se refere à vida pulsional da criança. Ainda que os pais procurem proteger a criança contra perigos externos, pouco pode ser feito em relação às demandas pulsionais que tomam de assalto o psiquismo infantil, especialmente as de caráter sexual. Tal situação torna-se ainda mais complexa quando levamos em consideração as consequências que a marca narcísica pode imprimir na relação entre pais e filhos, o que veremos no tópico a seguir.

Diante destas reflexões, mesmo sabendo que nenhum investimento é capaz de salvar o ser humano do seu desamparo estrutural, pouco nos resta senão tentar, de todas as maneiras possíveis, garantir esse amor e, portanto, lutar contra tudo aquilo que possa colocar em risco esse afeto tão importante para a sobrevivência dos filhos. Estes, desamparados que se encontram em suas constituições psíquicas ainda rudimentares, precisam que o investimento parental recaia sobre eles e, assim, os ajude a lidar com os mortíferos estímulos de origem endógena e exógena.

2.3 O AMOR EM SUA DIMENSÃO NARCÍSICA E A CONSTITUIÇÃO SUBJETIVA DO SUJEITO

Originalmente o Eu é investido de libido e [...] uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos, contudo, essencialmente, a libido permanece retida no Eu (Sigmund Freud).

Percebe-se, a partir do que até aqui foi abordado, que o amor é um elemento que está no alicerce da formação do homem. Neste sentido, acreditamos também ser pertinente discutir a dimensão narcísica do amor, já que o narcisismo está na base da constituição do ego. No artigo sobre o narcisismo, publicado em 1914, Freud já expressava determinadas ideias que poderiam fortalecer a afirmação sobre uma relação original capaz de influenciar a subjetividade da criança.

Narcisismo é um conceito da teoria psicanalítica definido como o amor que o sujeito sente por si próprio ou por sua própria imagem. O termo é derivado de *Narciso*, que, segundo a mitologia grega, era um belo jovem que despertou o amor da ninfa *Eco*. Mas ao rejeitar esse amor, *Narciso* foi condenado a apaixonar-se pela sua própria imagem refletida na água, acabando por cometer suicídio por afogamento. Posteriormente, a mãe Terra o converteu em uma flor (narciso).

De acordo com Freud (1914), o narcisismo pode ser dividido em duas etapas: narcisismo primário - fase autoerótica, na qual o eu não necessitaria do mundo externo, na medida em que obteria toda a satisfação de que necessita de forma autoerótica; e o narcisismo secundário - quando o sujeito desenvolve o ego e consegue se diferenciar entre os seus desejos e o que o atrai no resto do mundo.

O narcisismo primário seria constituído da libido que permanece no eu; o narcisismo secundário seria um retorno a essa libido, investida nos objetos. “Assim chegamos a conclusão de que originalmente o Eu é investido de libido e de que uma parte dessa libido é depois repassada aos objetos, contudo, essencialmente, a libido permanece retida no Eu” (op. cit., p.99). Cabe salientar que, essa relação entre narcisismo primário e narcisismo secundário foi posteriormente modificada, quando da inserção dos conceitos de *Eu ideal* e *ideal do Eu*, como veremos mais adiante.

Freud (1914) postula que haveria dois caminhos possíveis para a escolha de objeto pela criança, que estariam relacionados aos dois objetos sexuais originários: a mãe que cuidou e a própria criança. Esses tipos de escolha objetual foram denominados, respectivamente, de anaclítico (ou de apoio) e narcísico. No tipo anaclítico, transfere-se o narcisismo vivenciado na infância para o objeto; no tipo narcísico, ama-se a si mesmo.

Para que seja possível o desmembramento da libido narcísica (autoerótica) e libido objetual, o bebê precisa ter sido tomado como objeto de desejo, de investimento libidinal para uma mãe, que o faz a partir do seu próprio narcisismo, pois quando ocorre o nascimento de um filho, há um renascimento do narcisismo parental (FERRARI *et al.*, 2006).

Tal prerrogativa nos leva a buscar um entendimento sobre a relação inversamente proporcional entre libido narcísica e libido objetal. Freud (1914) afirma que a busca pelo investimento em um objeto de amor representa uma tentativa do sujeito de recuperar seu narcisismo infantil perdido, a fim de retornar à sensação ilusória de onipotência e completude vivenciada em sua relação primitiva com seu cuidador. De acordo com Silva (2007), Lacan nos ensina que o homem, sendo um ser de linguagem, joga sua verdade de uma palavra para outra em busca de seu desejo. Mas o desejo, em sendo metonímia da falta, é algo que escapa sempre, pois é na falta que se constitui, deslizando de significante em significante, em busca do desejo último – o objeto perdido. Destarte, “o comovedor amor parental, no fundo tão infantil, não é outra coisa que o narcisismo ressuscitado dos pais que, em sua transmutação ao amor de objeto, revela sua primitiva natureza (FREUD, op. cit., p. 88)”.

De acordo com Roudinesco e Plon (1998), Freud menciona o termo narcisismo pela primeira vez em 1905 na obra *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Contudo, a palavra somente adquiriu um valor de conceito em 1914, a partir do texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Nesta obra, Freud desvincula o narcisismo da psicopatologia sexual e faz dele um conceito que oferece um entendimento a respeito da constituição do eu e do objeto, podendo-se a partir de então falar de um narcisismo primário infantil, que diz respeito à escolha feita pela criança de sua pessoa como objeto de amor, numa fase que precede a total capacidade de se voltar para objetos externos. Contudo, apesar de ser definido como o amor que o ego dedica a si mesmo, o narcisismo remete sempre ao investimento do outro. A autossuficiência que o termo expressa precisa de um outro para confirmá-la (PERALVA & MARTINS, 2008).

No contexto desta discussão, é importante tomarmos conhecimento sobre o conceito de *ideal do eu*. Suas funções têm a primeira aparição no referido texto *Sobre o narcisismo: uma introdução*. Neste, Freud nos fala de um narcisismo infantil durante o qual o eu era seu próprio ideal e se atribuía uma perfeição imaginária. Quando, segundo Freud (op. cit.), a criança se vê perturbada pelas admoestações de terceiros e pelo despertar de seu próprio julgamento crítico que não permitem que ela retenha sua perfeição, causando uma ferida narcísica, ela procura recuperar a perfeição perdida sob a nova forma do *ideal do eu*. Deste modo:

O desenvolvimento do eu consiste em um processo de distanciamento do narcisismo primário e produz um intenso anseio de recuperá-lo. Esse distanciamento ocorre por meio de um deslocamento da libido em direção a um ideal de Eu que foi imposto a partir de fora, e a satisfação é obtida agora pela realização desse ideal (p. 117).

Dito de outro modo, no momento em que o narcisismo surge – ou a identificação narcísica – é o tempo o qual chamaríamos de “Eu ideal”, que traz a ideia de perfeição: “Eu sou o ‘eu ideal’, o ‘eu perfeito’”, isto porque no narcisismo primário acreditamos que tudo é nosso, que o mundo é nosso, a partir do próprio lugar de realeza no qual nossos pais nos colocam. Ao chegarmos à identificação edípica, não somos mais o ideal, este ideal está do lado de fora. Aqui há a ideia de que não somos perfeitos, gostaríamos de ser como nosso pai, nossa mãe ou qualquer outro. A perfeição, assim, está no sentido externo. Esta perfeição é o *ideal do eu*. Cabe salientar que a partir de 1923, as funções que Freud chamava de *ideal do eu*, ele passa chamar de superego - entendido como um supervisor do “eu”.

Concordando com Freud, Lacan (1986) nos diz que o *ideal do eu* é algo que se encontra no nível simbólico, comandando o jogo das relações com os outros. Roudinesco e Plon (1998) salientam que o *eu ideal* encontra-se no nível imaginário, sendo uma formação essencialmente narcísica, algo como um sonho, uma idealização ou mesmo uma aspiração. Deste modo, a noção de *ideal do eu* nos remeteria a uma perspectiva futura; e o *eu ideal* a uma ilusão de reencontro consigo mesmo, como acontecia no passado.

Para a figura materna, o amor pelo filho possibilitaria esse reencontro tão almejado, desde o momento no qual a repressão interveio e fez com que a criança se deparasse com a primeira impossibilidade, com a primeira ferida narcísica. De acordo com Lacan (op. cit.), é em nível do *eu ideal* que o bebê pode ocupar esse lugar de engodo na percepção narcísica da mãe, na qual o objeto se equivale à imagem. O amor, provocando uma perturbação do *ideal do eu*, constitui-se como um fenômeno no registro do imaginário, “[...] o amor reabre a porta à perfeição” (p. 166).

Sobre a gênese do *ideal do eu*, Freud (1914) afirma que:

Na verdade, foi a influência crítica dos pais que levou o doente a formar seu ideal de eu, que lhe é transmitido pela voz e tutelado pela consciência moral; mais tarde, somam-se a esse ideal as influências dos educadores, dos professores, bem como de uma miríade incontável e indefinível de todas as outras pessoas do meio (os outros, a opinião pública) (p. 114).

Destarte, anterior a qualquer outra influência, o Complexo de Édipo e a voz dos pais, elementos destacados por Freud, aparecem como função crítica e formadora do *ideal de eu*, para o qual a libido narcísica poderá então fluir.

É preciso lembrar que, poucas coisas podem oferecer mais risco para a criança, em sua fase inicial, do que os incessantes estímulos de sua própria vida pulsional; pouco pode ser feito em relação às demandas pulsionais, especialmente as de caráter sexual, que permeiam o

psiquismo infantil (VELUDO & VIANA, 2012), principalmente quando entram em choque com o que os pais lhe apontam como impróprio ou indevido; ou com ferrenhas e dolorosas críticas - de acordo com o tema da rejeição, neste estudo levantado - realinhando no sujeito sua condição de desamparo, que o coloca refém do amor parental. O amor, quando ofertado, tem o poder de remeter o sujeito, consciente ou inconscientemente, às antigas experiências infantis de segurança e de satisfação, relacionadas à renúncia pulsional por amor aos pais (FREUD, 1939).

Nessa medida, o amor visto por todos os ângulos, constitui-se, inquestionavelmente, indispensável ao aperfeiçoamento do princípio da dignidade humana. Para que o sujeito alcance o pleno desenvolvimento, não resta dúvida de que a sua infância deva ser permeada pela proteção, pelo amor, pelo amparo, afetos advindos, especialmente dos pais, para que se possa alcançar o avanço de etapas e a conquista da pessoa como fim em si mesma.

Capítulo 3

Dibs: Um caso sobre rejeição



*Só se vê bem com o coração. O essencial é invisível para os olhos.
(Antonie de Saint-Exupéry)*

3.1 DIBS: EM BUSCA DE SI MESMO

*Liberdade é pouco. O que eu desejo ainda não tem nome.
(Clarice Lispector)*

O livro “Dibs: em busca de si mesmo” é resultado de um detalhado caso trabalhado pela psicóloga Virgínia M. Axline, uma das pioneiras no uso da ludoterapia - abordagem psicoterápica infantil que, assim como a psicanálise, defende o fato de que o brincar é um meio natural, no qual a criança é capaz de libertar seus sentimentos, aprendendo a lidar com o seu sofrimento. O caso retratado no livro é situado como referência na prática dos que desenvolvem um trabalho pautado na ludoterapia. Contudo, tendo em vista que o sofrimento da criança perpassa o estudo de tal abordagem, apresentando-se, esta, como apenas uma das formas de lidar com a dor manifesta, pretende-se, no teor deste texto, sem a intenção de esgotar aqui o estudo do caso, analisar determinados trechos da obra, tendo como eixos norteadores a psicanálise de Freud a Lacan.

O livro conta a história de um menino de cinco anos de idade, chamado Dibs (nome fictício), uma criança solitária e agressiva que não conseguia se expressar verbalmente, nem tampouco relacionar-se por meio da brincadeira com seus colegas, comportando-se, deste modo, de forma inadequada, segundo o que é estabelecido para uma criança da sua idade. Filho de uma médica cirurgiã e de um conhecido cientista, Dibs foi uma criança privada da afetividade paterna e materna desde sua gestação, o que ocasionou sérios problemas relacionados ao seu desenvolvimento psicossocial. Os sintomas manifestados por Dibs denunciavam, então, a dinâmica que envolvia suas relações familiares.

Em razão dos comportamentos de Dibs, seus pais e professores se questionavam se ele sofria de lesão cerebral, retardo mental ou psicopatia. Após depoimentos das professoras que relatavam ser Dibs uma criança muito agressiva e com comportamentos muito diferentes dos seus colegas; e após diversas tentativas das professoras de, na prática, inseri-lo ao grupo, sem sucesso a escola resolve recorrer a uma psicóloga para estudar melhor o caso. O que Dibs transmitia através dos seus sintomas? O que ele demandava por meio de suas ações? A atitude atenta da criança dava a sua professora a nítida impressão de que ele ouvia e sentia suas tentativas de aproximação, o que a fazia acreditar que ali existia um sujeito que poderia emergir. E a partir do primeiro contato com a terapeuta, inicia-se o desenrolar da busca de Dibs por sua identidade, por sua liberdade interior.

3.2 O CASO DIBS SOB A ÓTICA DA PSICANÁLISE

A beleza do mundo tem duas margens, uma do riso e outra da angústia, que cortam o coração em duas metades (Virgínia Woof).

Dibs era uma criança que não falava, não brincava e que vivia perdido em seu mundo interior. Na escola, além de apresentar os referidos comportamentos, jamais se arriscava a sair de sua cadeira, permanecendo calado, sentado e imóvel durante todo o período. Num contexto compreensivo das questões relacionadas à aprendizagem, a psicanálise revela como fatores de ordem emocional influenciam a utilização das faculdades intelectuais da criança, aparecendo, frequentemente, o insucesso escolar como expressão de conflitos psíquicos, de carácter mais ou menos profundo, que é necessário diagnosticar antes de se intervir (PAIVA, 2005).

Já após as primeiras sessões com a Dr^a. Axline, Dibs começa a expor, no ato de observar os brinquedos, alguns significantes importantes, como em uma de suas primeiras falas, ao observar a casa de bonecas, em que ele diz: “Portas trancadas, não. Portas trancadas, não. Portas trancadas, não.” (AXLINE, 1973, p. 24). Na fala de Dibs, pode-se perceber um apelo de desesperada urgência. As portas fechadas em sua experiência de vida trouxeram-lhe intenso sofrimento. Não apenas a porta trancada de seu quarto em casa, mas principalmente todas as portas de aceitação que foram fechadas para ele, privando-o do amor, respeito e compreensão de que tão desesperadamente ele necessitava.

A esse mesmo contexto, Dibs ao brincar com a casinha de bonecas, descobre que as paredes são removíveis, começa a afastá-las uma a uma e então diz: - “Não gosto de paredes. Dibs não gosta de paredes. Joga fora, bem longe, todas as paredes” (op. cit, 1973, p.25). Dibs, assim, ao passo que revela parte de sua dor, parece começar a libertar-se das paredes que o asfixiam, dentro do seu próprio lar; dentro do seu próprio ser.

De acordo com Vygotsky (1988), a brincadeira estabelece um vínculo entre o real e o imaginário, e através do “faz-de-conta” a criança tem a possibilidade de trabalhar com a imaginação, pois organizará o seu pensamento através das vivências simbólicas, elaborando o seu real. A brincadeira, pois, constitui-se em um momento de aprendizagem no qual a criança tem a possibilidade de viver papéis, elaborar conceitos e exteriorizar o que pensa da realidade que vivencia.

A psicanálise afirma que o comportamento humano é determinado principalmente por forças inconscientes construídas ao longo das relações do sujeito com outros. Ao conhecer a história de Dibs, é inegável que seus traumas são causados por uma carência afetiva, fruto da

sua relação com seus pais. Segundo relato da sua mãe: “Meu marido ressentiu-se com minha gestação. Sempre achou que deveria tê-la evitado [...] E então, Dibs nasceu e destruiu todos os nossos planos e nossa vida” (AXLINE, 1973, p. 75).

Não havia vínculo afetivo entre Dibs e sua mãe. A mesma via o menino como um projeto fracassado em sua vida. Em conversa com a terapeuta, a mãe afirma que não esperava nenhum milagre em relação ao filho, em relação a alguma mudança que ele pudesse apresentar. Em outro trecho, ela afirma que caso a terapeuta necessite de maiores informações deverá recorrer à escola, pois nada mais pode acrescentar. Tais condutas evidenciam o quanto Dibs era uma criança desinvestida de desejo, aspecto crucial para a estrutura psíquica do sujeito, na visão da psicanálise. Segundo Lacan, a mãe é o outro primordial para o sujeito. É necessário, pois, o investimento da mesma para com a criança, uma vez que para esta, a figura materna, inicialmente, representa o mundo.

É evidente o quão angustiante era para Dibs toda essa relação de rejeição. Mas o que pensar sobre essa resistência da mãe em adentrar no universo do filho? Por que saber sobre o sintoma de Dibs também se coloca como um aspecto angustiante para a mãe? Lacan (1969), em “Duas notas sobre a criança” dirigidas a Jenny Aubry aponta que a criança é capaz de responder pelo o que há de sintomático na estrutura familiar, podendo representar a verdade envolvida nos laços dessa família.

A clínica dos primórdios é um testemunho inequívoco da relação entre os fantasmas parentais e os sintomas apresentados pelo filho. Como indica Lebovici (1987), os conflitos infantis dos pais determinam a natureza das identificações da criança e os sintomas apresentados pelo bebê têm a marca da problemática parental. Segundo Stern (1992), os pais selecionam consciente e inconscientemente as experiências e os afetos a serem compartilhados, criando um modelo de relação interpessoal que será a base para o mundo intrapsíquico da criança. Assim, “os medos, desejos, proibições e fantasias dos pais desenham o contorno das experiências psíquicas da criança” (STERN, op. cit., p. 186).

Destarte, o processo de filiação se inicia antes do nascimento do bebê, a partir da transmissão consciente e inconsciente da história infantil dos pais, de seus conflitos inconscientes, da relação com seus próprios pais, que colorem sua própria representação sobre a parentalidade. Neste sentido, o que realmente importa para a relação de filiação é a transmissão do enigma do desejo “quem sou eu no desejo deles”, não importando se o filho é biológico ou não. O que importa, como diz Lacan (1969), é a inscrição do filho num desejo que não seja anônimo.

A partir de tal prerrogativa, a dificuldade e angústia da mãe de Dibs em assumi-lo se justifica pelo fato de que tal exposição implicaria também na exibição do seu sintoma no tratamento do filho. O que resultaria em expor a intimidade da família, bem como de todas as suas nuances, fracassos, conflitos e perdas. Para esta família, Dibs era símbolo de uma perda, uma vez que o filho ideal não correspondia ao filho real. Dibs nasceu para preencher um lugar o qual não lhe fora dado, como retrata o seguinte trecho: “Já era bastante desagradável ter um filho, mas ter uma criança retardada mental era muito mais do que eu podia suportar.” (pag. 75).

Cabe salientar que, depois de vários exames neurológicos, os resultados comprovavam que não havia nada de errado com Dibs. Neurologistas e psiquiatras atestavam que não havia no menino nenhuma deficiência mental. Dibs era uma criança rejeitada, inserida em uma família articulada por uma rede de significantes que não lhe permitiam ser inserido no desejo de seus pais, o que lhe dava escassos recursos diante da vida, restando-lhe apenas e tão somente caminhar com as “forças” de que dispunha.

De acordo com Winnicott (1984), já desde o útero o bebê necessita da presença não só física como também psicológica da mãe. A criança já nasce com um potencial para se desenvolver, sendo o ambiente (representado inicialmente pela mãe) o dispositivo responsável pelo desenvolvimento desse potencial inato. Há, então, para o autor, a necessidade de uma mãe e de um ambiente suficientemente bons, que sustentem adequadamente este processo de desenvolvimento emocional. Para Freud e para Lacan, no entanto, tais premissas são da ordem da impossibilidade, uma vez que não há e nunca haverá mãe suficientemente boa. Toda mãe sempre irá falhar e não há como mensurar os efeitos de tal falha em cada criança, visto que perpassam a experiência subjetiva/singular de cada sujeito. O que não anula, contudo, a necessidade da mãe não falhar além da capacidade que a criança tem de suportar tais falhas, como afirma Winnicott.

Ao não ser possível contar com o investimento libidinal da mãe, o sujeito pode desenvolver algumas estratégias de defesa, dependendo de suas características subjetivas, dos tipos de falhas vivenciadas e do momento em que as mesmas ocorreram. Deste modo, o comportamento apresentado por Dibs estaria, assim, relacionado às consequências das falhas por parte da mãe, além da capacidade de Dibs em suportá-las. Diante de tal realidade, como poderia Dibs emergir, no interior de um ciclo familiar o qual não lhe desejou?

O lugar de filho(a) ideal, nesta família, era ocupado por Dorothy, irmã de Dibs, como retrata a seguinte passagem do livro: “[...] uma criança perfeita. Sem dúvida ela é a prova de que a deficiência não é nossa.”(pág. 77). Ao comparar Dorothy e Dibs, o discurso da mãe

demonstra com clareza o quanto o lugar que cada sujeito ocupa no desejo dos pais é unívoco. A psicanálise afirma que todo sujeito responde a um lugar singular no mundo, o que explica o porquê de Dorothy e Dibs apresentarem comportamentos tão distintos: ele é “estranho”; ela é “perfeita”, pois tal configuração retrata a lógica do inconsciente, o modo pelo qual a criança é capturada no desejo dos pais.

A relação da criança com a figura paterna também é de extrema importância para o desenvolvimento da mesma. E Dibs também não contou com o acompanhamento do pai em seu crescimento. O que pode ser comprovado nas seguintes falas: “Eu sempre tinha medo de papai [...] Ele era sempre agressivo comigo” (AXLINE, 1973, p.160). Dibs, em sua necessidade por atenção paterna, tentava falar com o pai, mas ele sempre cortava a conversa como se ela fosse uma tagarelice sem sentido.

Sabe-se que as relações estabelecidas entre a criança e o pai têm importante impacto no desenvolvimento da mesma. E em nenhuma outra ocasião, como na fase edípica, a figura paterna torna-se tão relevante. E talvez para os meninos isso se evidencie com força maior, sobretudo pela questão do reforço fálico. O pai simboliza a autoridade, a regra, o mundo para além da mãe e da casa, mas também a proteção, a amizade, o modelo como fonte da primeira identificação masculina - o reforço e a segurança de ser homem. E da falta dessa função paterna, resultam sérios empecilhos no desenvolvimento emocional da criança. Fato claramente comprovado na história de Dibs.

Para Lacan (1978), a mãe - no e através do seu discurso - inscreve o corpo de seu filho em um corpo de linguagem, constituído por cadeias de significantes e letras. Inicialmente, nessa relação mãe-filho há uma ilusão de completude que mais adiante será frustrada para que a criança possa se estruturar psiquicamente como sujeito diferenciado, com sua própria subjetividade. E nesse momento, o pai como função paterna (terceiro objeto) tem papel fundamental: é ele que castra a mãe da criança, e a criança da mãe. No caso de Dibs, percebe-se uma extrema dependência afetiva da criança em relação à mãe, dependência que o pai não interviu, enquanto sua função de barrar essa relação puramente imaginária da criança com a mãe. No entanto, a rejeição sofrida pela criança, por si só, configurou-se como uma frustração, como elemento contribuinte da privação do objeto (a mãe). O que em parte descarta a possibilidade de Dibs ter se tornado um psicótico. O brinquedo, nesse contexto, se instaurou como terceiro objeto, na tentativa de elaborar, em Dibs, a ausência da mãe.

De acordo com o pensamento psicanalítico, não se pode deixar de destacar em Dibs a presença de amplas perturbações em seu psiquismo, resultado de relações conturbadas com os

pais, como também expressão do recurso a mecanismos de defesa da criança com o objetivo de evitar a ansiedade e a angústia, denunciando um ego fragilizado ou desestruturado.

Com base nos princípios de Freud, verifica-se nos conflitos vivenciados por Dibs, o mecanismo da regressão como uma das maneiras utilizadas por ele para expressar seus problemas. Através desse mecanismo, a criança angustiada comporta-se apresentando características de fases anteriores de seu desenvolvimento. A criança volta a chupar chupeta, tomar mamadeira ou andar engatinhando. Ideias evidenciadas em algumas atitudes de Dibs, relatadas nos seguintes trechos do livro: “Dibs passava o tempo engatinhando ao redor da classe” (p.12); “Ficarei encolhidinho como uma bola e fingirei que sou um bebê de novo” (p. 86). “Apanhou a mamadeira e sugou-a por instantes” (p. 137). No entanto, no próprio ato de brincar, Dibs abandona a mamadeira e diz: “Não sou um bebê e não o serei nunca mais! Sou um garoto grande agora. Não preciso de mamadeira” (p.137). E assim Dibs vai se libertando a cada sessão, (re) elaborando o real através de suas vivências simbólicas.

Em casa ou na escola, há nas dificuldades apresentadas por Dibs, em suas interações, uma relação de interdependência entre o afeto, o pensamento e conseqüentemente a aprendizagem. Evocando as contribuições de Melanie Klein (1955), o desenvolvimento intelectual provém de fantasmas sádicos primitivos contra a mãe, através de objetos exteriores simbólicos, ou o pensamento acontece através de substituições ou transferências simbólicas. Com base na autora, após analisar o comportamento de Dibs no desenrolar das sessões, pode-se considerar que o simbolismo presente na dificuldade em expressar suas atividades intelectuais relaciona-se com a dificuldade em abandonar os fantasmas de onipotência em relação à mãe. Os símbolos constituindo-se, assim, como a base do pensamento e da comunicação.

Neste contexto, é pertinente destacar os contributos de Anna Freud (1965), quando esta faz uma distinção entre inibição e restrição do ego, sendo que este último retira-se de uma tarefa, de modo a evitar um desprazer ou uma desilusão. É relevante salientar este contributo em relação ao setting terapêutico, à técnica do jogo e da ludoterapia utilizados por Axline, como instrumento de observação da realidade interna da criança. Tal técnica revela que o que havia em Dibs era uma restrição do ego, uma vez que, inicialmente, ele não expressava suas habilidades na escola; e à medida que o tratamento progride, o garoto manifesta-se extremamente inteligente e perspicaz, revelando-se contra qualquer suspeita de psicopatia, lesão cerebral ou retardo mental; avançando a cada sessão do tratamento, descobrindo-se em busca de si mesmo.

Por fim, cabe considerar que para a conquista da liberdade interior alcançada por Dibs estava na essência de cada sessão as atitudes básicas de crença no potencial da criança para encontrar-se consigo mesma; o respeito por suas ações e palavras; o respeito pela sua forma de ser e de se expressar. O que pode ser comprovado no seguinte trecho do livro:

Na primeira vez que fui ao Centro, a sala pareceu-me tão grande. E os brinquedos não eram amigos. Estava com medo [...] Apavorei-me, a princípio, porque não sabia o que você faria e o que eu deveria fazer. Mas você disse. Tudo isto é seu, Dibs. Divirta-se. Ninguém vai magoá-lo aqui. Pouco a pouco, comecei a acreditar em você. E o caminho foi-se abrindo. Você me sugeriu que lutasse contra os meus inimigos até que eles gritassem que estavam arrependidos por me haverem ferido. - E você fez isso? - Sim. Encontrei meus inimigos e lutei contra eles. Então, descobri que já não estava amedrontado. Descobri que já não era infeliz e senti amor. Agora, sou forte, grande e corajoso (AXLINE, 1973, p. 190-191).

E assim, a experiência de ser aceito e valorizado, incondicionalmente, proporcionou a Dibs a (re)invenção e (re)construção de novas formas de se relacionar com o mundo, promovendo a liberação das suas forças de crescimento, fazendo-o deslizar na cadeia de significantes que o paralisavam. E na medida em que Dibs emergia enquanto sujeito, nas sessões, em casa ou na escola; os seus avanços, as suas novas atitudes refletiam em seus pais e amigos e retornavam para ele em forma de interação e afeto por parte dos que o rodeavam. Foi nesse clima de respeito, permissividade e aceitação incondicionais que foi conduzido, em cada sessão, o caminho traçado por Dibs, na busca de sua autonomia, na marcha para o encontro consigo mesmo.

Capítulo 4

O Patinho feio fora do desejo do outro



Cada conto de fadas é um espelho mágico que reflete alguns aspectos de nosso mundo interior, e dos passos necessários para evoluirmos da imaturidade para a maturidade (Bruno Bettelheim).

4.1 DESEJO É DESEJO DO OUTRO

Proponho que a única coisa da qual se possa ser culpado, pelo menos na perspectiva analítica, é de ter cedido de seu desejo (Jacques Lacan).

Para iniciarmos essa discussão, primeiro destacaremos o que seria *Desejo* na teoria psicanalítica. De acordo com Lustoza (2006), essa noção pode ser entendida basicamente através de três maneiras, conforme cada um dos três registros descritos por Lacan: Imaginário, Simbólico e Real.

Para Lacan (1987, p. 280), "O desejo é uma relação de ser com a falta.". É característica do desejo ser metonímia da falta, deslizando de significante em significante numa constante insatisfação. E da impossibilidade de chegar ao desejo último - objeto perdido - ao momento da primeira satisfação, esse desejo sempre retorna na forma de um furo, a falta, levando o sujeito a novos investimentos, levando-o a fazer funcionar o simbólico. O desejo, portanto, refere-se a uma fantasia, que se dá na relação com um outro no registro imaginário.

Lacan (1962) postula que o ser humano vive a partir de uma antecipação pela palavra do outro, que o adota na concessão de um nome, inserindo-o numa linhagem significante. Quando nascemos, o nosso nome é escolhido pelo outro, a preparação para nossa chegada, nossos pertences, tudo é escolhido pelo outro. O sujeito é, pois, assim constituído: um objeto afetado pelo desejo; do Outro.

A criança, no início de sua vida, possui a sensação de que seu corpo está fragmentado. A unificação deste corpo ocorre a partir do que é fornecido pelo Outro, representado nessa fase, pela Mãe; podendo mais tarde ser Deus, a Cultura, o Inconsciente ou qualquer outro nome que opere sobre o sujeito do lugar do grande Outro. Contudo, ao alcançar essa sensação de corpo unificado, a criança aliena-se criando uma ilusão de eterna completude. E a partir daí, esse Outro passa a ter controle sobre o desejo da criança. A criança recebe a imagem desse Outro e assim aliena-se a ele (GUIMARÃES, 2009).

É nessa direção que Lacan (1962, p. 32) afirma que "o desejo do homem é o desejo do Outro". Para melhor compreendermos: essa proximidade entre mãe e criança, coloca a criança numa situação de se fazer objeto de algo que se supõe faltar à mãe - falta representada pelo falo, enquanto significante do desejo da mãe.

Freud (1924), ao analisar o percurso subjetivo da mulher, sugere que o lugar que esta designa a um filho é o resultado de um complicado processo de resolução edípica. Apesar de

não ser nossa intenção retomar toda a argumentação freudiana relativa à constituição da feminilidade, cabe ressaltar alguns pontos que nos parecem fundamentais para nossa discussão. Segundo o autor, a feminilidade normal adviria de uma aceitação da castração materna, que possibilitaria o acesso ao pai e o desejo de ter o falo. Assim, o desejo de ter um filho seria equivalente ao desejo de ter um pênis, situando o bebê num simbolismo: bebê = falo. A maternidade seria, pois, a solução aos impasses da feminilidade e a resolução edípica por excelência.

É neste sentido que Lacan afirma: "O desejo é uma relação de ser com a falta." (1987, p. 280); o sujeito constitui-se não como uma causa, mas como efeito daquilo que opera para constitui-lo. Um corpo sujeitado ao significante, afetado pelo desejo do outro (COELHO DOS SANTOS, 2001).

Considerando tais premissas, é oportuno fazer menção ao fato de que os seres humanos, sempre insatisfeitos com a vida, buscam a todo instante uma maneira suportável de encarar a inevitável falta existente. Neste sentido, o desejo, uma vez estando ligado à falta nunca preenchida, jamais é plenamente satisfeito. Dito de outro modo, sempre buscaremos satisfazer o desejo, comumente pelo consumismo que traz em seu engodo a ilusão de nos levar a um estado de felicidade plena. Mas, o desejo em sendo a essência da realidade, a falta - metonímia do desejo - sempre constituirá tal realidade.

No texto sobre o narcisismo, Freud (1914) nos diz que o amor parental nada mais é do que um retorno e reprodução do narcisismo dos pais, que colocam o filho no lugar de "Sua Majestade, o Bebê", de modo que a valorização afetiva da criança resgate seu próprio narcisismo infantil perdido. O lugar que a criança ocupa no psiquismo parental tem, nesse sentido, principalmente, a função de reparar as feridas narcísicas de seus próprios pais. Deste modo, na concepção de um filho, entram em jogo no inconsciente dos pais, lembranças e fantasias sobre suas relações objetais primárias; o que remete ao Outro e ao desejo desse Outro.

Nas palavras de Lustoza (2006):

O Outro é apresentado como prévio ao sujeito. O sujeito ao vir ao mundo já encontra o Outro como uma ordem dada, uma organização que preexiste ao seu nascimento. O Outro constitui uma ordem na medida em que circunscreve uma série de lugares, cabendo aos sujeitos ocupar este espaço no qual está previamente inscrito. Ao preencher tais lugares, os sujeitos assumirão características específicas. Ao Outro caberá então desempenhar um papel fundamental na constituição do sujeito (p. 50).

Destarte, constatamos que o lugar ao qual a criança pertence é estabelecido muito antes dela nascer. O bebê vem ao mundo antes de surgir fisicamente, seu nascimento é condicionado àqueles que o desejam, constroem seu ninho e aguardam que se inscreva no desejo de filho.

Sabe-se, assim, que é em nome do desejo, é no lugar de uma falta que surge a criança, seja esta adotiva ou de nascimento. Para Mannoni (1985), a relação fantasmática do filho com sua mãe se revela assim:

Para a mãe, real ou adotiva, existe um primeiro estado, semelhante ao sono, em que ela deseja 'um filho', esse filho é, a principio, uma espécie de evocação alucinatória de alguma coisa de sua própria infância, que foi perdida [...] ela cria esse filho futuro sobre o traço de uma lembrança [...] na qual estão incluídos todos os ferimentos sofridos, expressos numa linguagem do coração ou do corpo [...] esse filho [...] quando nasce, ou seja, quando a demanda se realiza, cria para a mãe a sua primeira decepção: ei-lo então, esse ser de carne, mas, separado dela; ora a um nível inconsciente, ora como uma espécie de fusão que a mãe sonhava [...] esse filho separado dela [...] de carne vai-se sobrepor uma imagem fantasmática, que terá por papel reduzir a decepção fundamental da mãe (p.42).

Como vimos, através de Lacan, o ser humano vive a partir de uma antecipação pela palavra do outro, inserindo-o numa linhagem significante. Nesta perspectiva, todo filho, biológico ou não, advirá enquanto sujeito a partir da sua inscrição no desejo dos pais. Inscrição que se dará na medida em que essa família, biológica ou não, se engaje num desejo colocado para além de uma genética, mas que passe antes pela transmissão simbólica e, portanto, pela lei do significante.

Diante destas considerações, constatamos que o lugar ocupado por um filho no seio familiar encontra suas coordenadas simbólicas num projeto estruturado, regido pela falta enigmática, representada pelo desejo materno. A partir das chagas narcísicas, do ideal reencontro com a coisa perdida nasce uma criança, recebendo nome e sobrenome e, na concretude real de seu organismo, em determinado período da história parental, todo investimento libidinal reservado em prol de tal momento.

Fazendo uma analogia com a linguagem jurídica, esse investimento libidinal - essa adoção simbólica do filho no desejo dos pais - seria o mesmo que "inscrever em tabelião" (em grande Outro). Ou seja, é no trajeto em que os pais fazem para (res)significar uma lembrança inconsciente, que entra a criança a ser inscrita, a ser adotada no desejo dos pais - sejam estes pais adotantes ou biológicos. Inscrição que não ocorreu nem no caso de Dibs, nem tampouco na história do patinho feio, como veremos a seguir.

4.2 O PATINHO FEIO: A REJEIÇÃO ENQUANTO DOR PSÍQUICA

Somos todos adotivos. Os laços biológicos não nos oferecem as garantias para sermos amados (Corso & Corso).

O patinho Feio conta a história de uma ave cuja feiura causava espanto e desprezo por parte dos seus familiares. Contudo, no final da trama, pela via do amor e aceitação recebidos por parte de quem a rodeia, a avezinha consegue superar as adversidades e emergir, sobretudo emocionalmente, enquanto um belíssimo cisne. O autor da saga do patinho sofredor é Hans Christian Andersen (1805-1875), nascido na cidade de Odense – Dinamarca.

De origem plebeia, filho de um sapateiro e de uma lavadeira, Andersen teve uma infância marcada pela pobreza, fato que o privou do acesso a uma educação regular. Contudo, não faltou para ele o estímulo e a sensibilidade dos pais para instiga-lo a cultivar o interesse pelo teatro e pela literatura. Antes de alcançar o sucesso por suas obras, Andersen, em sua trajetória, passou pela música, como cantor; e pelo teatro, como dramaturgo. Mas foi a partir da literatura que o jovem conquistou notoriedade, tornando seus livros um verdadeiro sucesso, de público e de venda, com sucessivas reedições em todo o mundo.

A história de *O patinho feio* tem início num dia em que a mamãe pata chocava seus ovos e, dentre os filhotes, nasceu um patinho muito feio e desengonçado, cuja feiura era motivo de humilhação e chacotas por parte dos irmãos e dos outros animais. A própria mãe, apesar de acreditar que quando ele crescesse ficaria bonito, certa vez desejou que ele não tivesse nascido.

O tempo passava e o patinho continuava feio e esquisito. Cansado de tantas humilhações, a avezinha resolve partir para bem longe. Andou muito pela floresta, passou fome, sede, frio, medo; e pelos lugares onde passou, o sentimento de repulsa, por parte daqueles que o viam, não o deixou de acompanhar. Até que a primavera chega e o patinho feio encontra vários cisnes nadando em um lago. Eles se aproximam e a avezinha não acredita que aqueles cisnes quisessem ser seus amigos de verdade. Com receio, ele baixou a cabeça, viu sua face refletida na água e percebeu, então, que era um belo cisne e não mais aquele patinho feio e desajeitado.

O livro é um verdadeiro sucesso, não por acaso, mas por conter belíssimas ilustrações, acompanhadas de um texto primoroso, por despertar em crianças, jovens e adultos de todas as idades, sentimento de amor ao próximo, de solidariedade e respeito às diferenças. Concordando com o que foi dito no primeiro capítulo sobre a relevância de textos dessa

natureza na formação cognitiva e psicológica da criança, Aguiar *et al.* (2001) aponta que a literatura infantil na medida em que proporciona divertimento, oferece à criança esclarecimentos sobre ela mesma, favorecendo o desenvolvimento da sua personalidade. É nesta direção que Hans Christian Andersen parece conduzir sua obra, despertando nas crianças alguns dos valores essenciais que devem constituir nossa subjetividade, tais como, respeito e amor ao próximo.

Ao fazermos uma ponte com a realidade, a história criada por Andersen consegue capturar, com destreza, a angústia da criança, do adolescente ou do adulto quando se imaginam estar no ninho errado; serem rejeitados. Ou por serem preteridos entre os irmãos mais queridos pelos pais, ou por possuírem alguma deficiência física ou mental, ou por sua opção sexual ou religiosa, ou mesmo por serem adotados. Seja qual for o motivo da rejeição, a verdade é que somente o laço biológico não dá sustentação para uma relação de amor. Como nos diz Corso & Corso (2006),

Somos todos adotivos, o laço biológico não nos oferece as garantias necessárias para sentir-se amado. Mesmo que sejamos nascidos da mesma mãe que nos amamentará e educará, ainda resta um vago e desagradável sentimento de ser o ovo errado no ninho errado (p.33).

Destarte, os investimentos, as identificações que contribuem para a formação subjetiva da criança independem dos laços de sangue. De acordo com Freud (1923), “[...] os efeitos das primeiras identificações efetuadas na mais primitiva infância serão gerais e duradouros” (p.45). Deste modo, todo filho, biológico ou não, precisa ser libidinizado, investido, ou como diria Lacan (1962), desejado. A necessidade de ser desejado pelos pais - sejam estes biológicos ou não - é anterior, é condição para o sujeito, pois é nesta relação libidinizada com o Outro que a criança se desenvolve.

Freud afirma, em seu texto *Psicologia de grupo e a análise do Ego* (1921), que “A identificação [com o outro] é conhecida pela psicanálise como a mais remota expressão de um laço emocional. Ela desempenha um papel na história primitiva do complexo de Édipo” (p.133, grifo nosso). Na mesma obra, ao se questionar sobre a influência dos grupos na vida das pessoas, Freud encontra a pulsão através do amor, afeto capaz de promover laços que só se formam pela via da identificação. A identificação é enfatizada por Lacan como “traço unário” - termo retomado de Freud - que se origina de um outro. “É se identificando com o outro que nasce a diferença, já que a identificação é a relação com o idêntico, mas instalando a diferença” (BRIANI, 2008).

Como vimos, o nascimento do ser humano envolve mais do que cuidados biológicos. Para que uma subjetividade possa advir, mais do que apontar para uma sobrevivência do biológico, faz-se necessária a inserção da criança em uma vida subjetiva, pela via da adoção simbólica, pela sua inscrição no desejo dos pais, inscrição primeiramente dada a partir da palavra, na concessão de um nome, inserindo-a numa linhagem significativa. Uma inscrição, portanto, colocada para além de uma genética, pela lei do significante.

Sobre o sofrimento gerado por essa falta ou deficiência na inscrição do sujeito no desejo dos pais, inicialmente cabem aqui algumas considerações sobre as ideias freudianas contidas na obra *Luto e Melancolia*. De acordo com Freud (1917), o luto se refere à reação a perda de um ente querido, como os pais, ou a perda de alguém ou algo que ocupou o lugar de um ente querido, como a liberdade ou o ideal de alguém. Já a melancolia, tem como características marcantes um profundo desânimo, o desinteresse pelo mundo externo, perda da capacidade de amar, inibição de toda e qualquer atividade e uma diminuição considerável da autoestima, resultando numa expectativa delirante de punição.

O luto constitui um mesmo estado de espírito vivenciado na melancolia. Perda de interesse pelas atividades cotidianas, falta de capacidade para adotar um novo objeto de amor, dificuldade para desviar o pensamento sobre o objeto perdido. “A melancolia é como o luto, com relação à perda real de um objeto amado, porém, é marcada por um determinante que transforma esse luto em algo patológico” (FERREIRA, 2010, p.72). O sofrimento gerado pela perda de um objeto de amor de tão avassalador pode ser, muitas vezes, patológico. Ainda que, posteriormente, Freud tenha abandonado suas considerações sobre a diferença entre luto normal e patológico (melancolia), suas ideias contribuíram em grande medida para pensarmos sobre o impacto da perda desse objeto na vida dos sujeitos.

Devemos lembrar que a proposta deste estudo é direcionada a falar sobre o sofrimento ocasionado pela rejeição em relação a pessoas que estão vivas. Contudo, mesmo que Freud, em *Luto e melancolia*, aborde mais especificamente a separação de um objeto de amor ocasionada pela morte física de um deles, a contribuição de suas ideias foi de extrema importância para que pudéssemos compreender melhor a reação humana diante de uma “perda” objetual.

Nesta direção, propomos uma reflexão mais específica com relação ao sentimento de “dor” vivenciado pelos sujeitos a partir da rejeição. De acordo com Nasio (1997), a dor psíquica constitui-se como um sentimento obscuro, difícil de definir, mal podendo ser apreendido, uma vez que escapa à razão. Seu surgimento ocorre a partir de um processo bastante complexo, podendo ser delineado, de acordo com Ferreira (2010), da seguinte

maneira: “primeiramente, surge uma dor própria da ruptura, em seguida uma dor inerente ao estado de comoção psíquica desencadeada pela ruptura e por fim, uma dor provocada pela defesa reflexa do eu em resposta ao transtorno” (p. 74).

A psicanálise afirma que o nosso aparelho psíquico é regido pelo princípio do prazer, cuja função é regular a intensidade das tensões pulsionais, tornando-as toleráveis. Quando ocorre uma ruptura com o ser amado, as tensões se desencadeiam e o princípio de prazer torna-se ineficaz. O eu, quando voltado para o interior é capaz de experimentar sensações de prazer e desprazer; após a ruptura, o que o eu vivencia é o transtorno das tensões incontroláveis, podendo ser denominadas como dor (FERREIRA, 2010).

Sobre a diferença entre dor e desprazer, cabem aqui algumas considerações. Apesar de pertencerem à mesma categoria de sentimentos dolorosos, existe uma diferença nítida entre eles. No desprazer, o sujeito manifesta um alto grau de tensão, contudo é possível controlá-lo; na dor, ao contrário, o eu manifesta a autopercepção de uma tensão demasiadamente fora de controle. De acordo com Nasio (1997):

O desprazer é, pois, uma sensação que reflete na consciência, um aumento de tensão pulsional, aumento submetido às leis do princípio do prazer. Em contrapartida, a dor é o testemunho de um profundo desregramento da vida psíquica que escapa ao princípio do prazer. (p. 22)

Nesta perspectiva, a dor psíquica pode ser compreendida como aquela resultante do rompimento do laço que nos une ao ser que amamos. Do ponto de vista metapsicológico, esse sentimento doloroso pode ser relacionado ao trauma, uma vez que a autopercepção do eu retrata, a partir da ruptura do laço que o une ao objeto elegido, um estado traumático de comoção pulsional. Deste modo, pode-se dizer também que a dor é uma reação. A reação defensiva do eu quando, sendo provocado - no caso do patinho feio; rejeitado - ele luta para se reencontrar (op. cit., 1997).

Para superar esse sofrimento, o Ego cria alguns mecanismos de defesa que funcionam como uma tentativa de encontrar um novo lugar no mundo. Freud (1924), em determinado trecho da sua obra, afirma que o instinto em amar um objeto demanda a destreza em obtê-lo, e se uma pessoa pensar que não consegue controlar o objeto e se sentir ameaçada por ele, ela age contra ele. Não cabe neste espaço falarmos sobre uma reação/agressão física, mas poderíamos concluir que a reação de fuga do patinho feio, configurou-se como uma contrarreação à situação por ele vivenciada, situação protagonizada por seu objeto de amor: aquela de quem ele esperava todo o afeto, carinho, cuidado, proteção. A contrarreação do

patinho feio, ao se sentir ameaçado, manifestou-se através da busca por trilhar novos caminhos. O afastamento em relação àqueles que o rodeavam foi o mecanismo de defesa encontrado pelo personagem descrito por Andersen.

A criança e o adolescente desenvolvem, em particular, um conjunto único de mecanismos de defesa para lidar com a dor provocada pela rejeição. Quando não conseguem corresponder ao ideal do eu lançado sobre eles, pelos pais, aparece a frustração, fator que influenciará a construção da subjetividade, alterando a sua futura relação com o mundo, frequentemente através das alterações do comportamento: agressividade, inquietude, isolamento, tristeza.

4.3 ESTUDOS ATUAIS SOBRE OS EFEITOS DA REJEIÇÃO: UMA ABORDAGEM EMPÍRICA

Crianças e adultos em todos os lugares tendem a responder exatamente da mesma maneira quando se sentem rejeitados por seus cuidadores (Ronald Rohner).

Sob a pretensão de reafirmar a relação entre a rejeição e o desenvolvimento psicológico da criança, acreditamos ser pertinente destacar, neste estudo, algumas pesquisas realizadas, com suporte na teoria da aceitação-rejeição criada por Rohner - teoria que parte de uma perspectiva ecológica para estudar os efeitos da aceitação e da rejeição nos relacionamentos interpessoais (ROHNER & KHALEQUE, 2005).

A pesquisa realizada em torno da PARTheory pretende explicar e prever as principais causas e implicações da rejeição e aceitação parental na vida da criança. Cabe salientar que, os estudos têm sido realizados não apenas nos Estados Unidos, mas também em outros países, ao redor do mundo. Em linhas gerais, a teoria se propõe a comprovar que o amor parental é essencial ao desenvolvimento emocional e social da criança (NUNES, 2012).

De acordo com tais estudos, quando a criança, por inúmeras razões, não se sente aceita, acolhida ou, como diria Lacan, desejada pelos pais, ela tenderá a manifestar diversos problemas de ordem comportamental, tais como: hostilidade e agressividade; problemas de autoestima e autoadequação; extrema dependência ou independência de forma defensiva; dificuldades em gerir emoções; perceber o mundo como um lugar negativo, entre outras características (PIRES, 2010).

A teoria criada por Rohner divide-se em três subteorias denominadas de *personality subtheory*, *coping subtheory* e *sociocultural systems subtheory*. A primeira busca explicar e prever quais as principais consequências para a construção da personalidade, decorrentes da percepção de aceitação versus rejeição parental, durante a infância e na idade adulta; a segunda procura compreender porque determinadas crianças que experimentam a rejeição parental conseguem “escapar” ou resistir ao desajustamento psicológico; a terceira, por sua vez, tenta explicar e prever o comportamento seja de aceitação ou rejeição por parte dos pais (ROHNER, 2004).

Para os propósitos do presente trabalho, abordaremos apenas a subteoria da personalidade para tentar compreender, explicar e prever as consequências da aceitação e rejeição parental percebida pela criança para a sua subjetividade ou saúde mental e psicológica.

Esta subteoria assume que o ser humano, na sua evolução, desenvolveu a necessidade básica de uma resposta positiva das pessoas que são mais importantes ou significativas, traduzidas pelo desejo emocional de conforto, suporte e cuidado. E de acordo com tal subteoria, as pessoas que estão mais bem qualificadas para atender este desejo nas crianças são os pais, embora os autores salvaguardem outros significativos, não necessariamente as figuras parentais, nomeadamente para os adolescentes e os adultos.

Destarte, a segurança emocional e o bem-estar da criança ficarão à mercê da qualidade do relacionamento percebido entre a criança e as suas figuras de vinculação. Rohner (2004) defende que existem muitas evidências que suportam a conclusão de que as crianças e os adultos que, de uma forma ou de outra, foram rejeitados pelos pais têm tendência a relatar características específicas que o autor organiza em sete categorias mensuráveis, constituintes de uma forma de desajustamento psicológico. Tais características incluem: a) hostilidade, agressão - agressão passiva ou problemas de gestão da hostilidade e agressividade; b) dependência ou independência defensiva, dependendo da forma, frequência, duração e intensidade da rejeição percebida; c) autoestima debilitada; d) autoadequação debilitada; e) irresponsividade emocional; f) instabilidade emocional; g) visão negativa do mundo (ROHNER, 2004, p. 830).

Rohner (op. cit.) afirma que todas estas consequências negativas irão constituir elementos importantes nas representações mentais dos indivíduos rejeitados, que acabam por construir representações dos outros e do mundo de forma a perceberem hostilidade e rejeição, mesmo que estas não existam de fato, em seu redor. Assim, criam ou interpretam experiências ou relacionamentos de modo a confirmar as suas representações mentais

distorcidas. Ademais, frequentemente, constroem imagens mentais de relações interpessoais como algo de que é necessário desconfiar. Deste modo, acabam por perceberem rejeição por parte dos que os rodeiam, sentindo-se incapazes de confiarem (emocionalmente) no outro. Ao acreditarem que as figuras de vinculação não os amam, provavelmente irão acreditar que não são dignos de serem amados pelos outros.

A depressão também aparece como um problema fortemente influenciado pela rejeição. Estudos realizados nos EUA, na China, na Austrália, na Alemanha, na Itália, no Egito, na Espanha, na Suécia e na Turquia revelam que a rejeição parental associou-se a problemas de internalização, especialmente à depressão e humor deprimido (ROHNER & BRITNER, 2002). Vários outros estudos conduzidos nos EUA, com minorias étnicas, indicam que a rejeição parental está implicada na etiologia da depressão em crianças e adolescentes asiático-americanos, afro-americanos e mexicano-americanos. Há também sugestões de que a rejeição parental correlacione-se com ideação, planejamento e ato suicida (CONNOR&RUETER, 2006).

Rohner e Britner (op. cit.) ainda afirmam que, a rejeição parental permanece sendo o melhor preditor de depressão, mesmo quando outras variáveis reconhecidas por suas implicações na depressão - tais como conflito familiar, baixa coesão familiar, abusos físico e sexual, dificuldades econômicas ou qualquer outro evento negativo não controlável - são estatisticamente controladas. De acordo com os autores, além de se associar a problemas internalizantes, evidências suficientes apontam para o fato de que a rejeição parental também seja um excelente preditor de problemas externalizantes, incluindo delinquência, transtorno de conduta e abusos de substância ilícita.

Além das pesquisas realizadas por Rohner e colaboradores, vários outros estudos de predição têm confirmado a associação entre rejeição parental e problemas de comportamento. Roelofs *et al.* (2006), num estudo com 237 crianças (entre 9 e 12 anos), concluíram que rejeição de ambos os pais (medida separadamente) esteve associada a altos escores de ansiedade, depressão e agressividade.

Evidências semelhantes foram encontradas no contexto do oriente. Wang *et al.* (2006), num estudo longitudinal de dois anos com crianças chinesas (n = 216), com o propósito de descobrir se há, de fato, uma relação entre o afeto parental (positivo e negativo) e o comportamento pró-social e de problemas externalizantes desenvolvidos pelos filhos, concluíram, após dois anos de estudo, que enquanto o afeto negativo (relacionado à rejeição) associou-se positivamente a problemas externalizantes e negativamente a comportamento pró-

social; o afeto positivo esteve associado positivamente a comportamento pró-social e negativamente a problemas externalizantes.

Estudos recentes realizados por Nishikawa *et al.* (2010) também concluíram, no Japão, que rejeição parental correlaciona-se positivamente com problemas externalizantes e internalizantes, medidos pelo Youth Self-Report, uma versão do Child Behavior Checklist (CBCL) aplicada aos adolescentes. Para concluir, no Brasil, Ferreira e Marturano (2002) ao compararem dois grupos - um grupo clínico e um grupo não clínico - com o intuito de observar problemas de comportamentos do tipo externalizantes, concluíram que o grupo clínico apresentava uma qualidade de interação negativa com os pais, caracterizada por baixa preocupação com as necessidades e a segurança dos filhos, ameaças e agressão física.

Ao fazer uma analogia com a dor física, pesquisas nos campos da psicologia e neurociência comprovam que crianças rejeitadas se sentem exatamente como se tivessem sido socadas no estômago. Isso porque as mesmas partes do cérebro que são ativadas quando as pessoas se sentem rejeitadas também são ativadas quando elas sentem dor física. Com uma diferença: ao contrário da dor física, a dor psicológica da rejeição pode ser revivida por anos. Os pesquisadores revisaram 36 estudos feitos ao redor do mundo envolvendo mais de 10.000 participantes e descobriram que as crianças rejeitadas sentem mais ansiedade e insegurança e são mais propensas a serem hostis e agressivas. Isto porque as lembranças relacionadas à dor da rejeição acompanham a criança por toda a vida, acabando por influenciar sua subjetividade. Os efeitos dessa dor vão além, fazendo com que essas pessoas tenham mais dificuldade em confiar em outros e formar relações seguras, pelo medo de passar pela mesma situação novamente (ROMANZOTI, 2012).

Os estudos na área da neurociência ainda revelam que nutrir uma criança com amor desde o início da vida pode ajudá-la a desenvolver um maior hipocampo - região do cérebro relacionada à aprendizagem, memória e estresse. Em tais estudos, imagens do cérebro comprovam que o amor de uma mãe afeta fisicamente o volume do hipocampo do filho. No estudo, filhos criados com amor tiveram o hipocampo aumentado em 10% em relação às crianças que não foram tratadas com tanto carinho pelas mães. A investigação sugeriu uma ligação entre um maior hipocampo e melhor memória e aprendizagem, confirmando que o carinho precoce com as crianças afeta positivamente o seu desenvolvimento (ROMANZOTI, op. cit.).

Diante do que aqui foi exposto, dos fundamentos da Psicanálise aos estudos empíricos, fica a certeza de que o fato de ser amado ou rejeitado pelos pais afeta diretamente o desenvolvimento da subjetividade dos sujeitos, repercutindo seus efeitos até a fase adulta.

Como aponta Rohnere Khaleque (2005), crianças e adultos de várias partes do mundo, independentemente da sua cultura, idade, gênero, ou classe social, tendem a responder exatamente da mesma maneira quando se sentem rejeitados por seus pais e/ou cuidadores, bem como por outras figuras de apego.

Em cinquenta anos de pesquisa ao redor do mundo, nenhum outro tipo de experiência demonstrou um efeito tão forte e consistente sobre o desenvolvimento da personalidade/subjetividade, como a experiência da rejeição, especialmente quando advinda dos pais para com a criança.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao tomar conhecimento sobre a trajetória do Patinho feio, quem nunca se comoveu ou sentiu vontade de proteger, alimentar e aquecer a avezinha pequena e indefesa, criada por Hans Christian Andersen? Para que ela não mais sentisse frio, fome ou medo, desespero ou solidão. Afora a capacidade que a história tem de nos tocar consideravelmente, ao despertar em nós alguns dos mais nobres sentimentos que o homem pode experimentar, tais como: amor, solidariedade e respeito às diferenças; quando tomamos conhecimento dos infortúnios vividos pelo patinho feio, acreditamos ser possível uma reflexão sobre a necessidade de cuidar, amar, dedicar um olhar atento a quem está desprovido de apoio, carinho, perdido, fora do ninho.

Os estudos sobre os arranjos familiares na atualidade revelam que a mobilidade social e a ausência de referências simbólicas estáveis afetam espantosamente as expectativas do homem moderno, perante as relações interpessoais, já que não existem mais parâmetros externos que definam completamente a estrutura familiar ou a função parental. Neste sentido, refletir sobre a importância de relações estáveis e seguras, permeadas pelo afeto e pelo desejo é algo que em muito precisa ser propagado.

A magnitude dos valores e ensinamentos incutidos no conto de Andersen vai além, fazendo com que a narrativa atravesse os anos incólume, eternizada pelo aprendizado que, implícita ou explicitamente, propaga. Características que fazem de *O Patinho Feio* um dos contos mais difundidos ao redor do mundo. Uma história amarrada pelas linhas da sedução e do desejo por um mundo no qual as relações familiares possam ser mais profícuas, enredadas pela indubitável força do amor.

Destarte, pensar na construção de relações mais harmônicas entre pais e filhos - ainda que tal harmonia passe pela esfera do inconsciente, ante a ordem do querer - é refletir sobre os valores e afetos que fazem a diferença na dinâmica familiar. A partir dos questionamentos e reflexões tecidos do decorrer deste trabalho, percebemos que na história, como na vida real, não há por parte das pessoas intolerantes com o diferente a capacidade de refletir sobre a importância do outro na complexa trama das relações interpessoais, uma ligação que necessita acima de tudo das relações de troca, de amizade e de aprendizado compartilhado entre todos, independente de classe social, deficiência física ou mental, religião, opção sexual, cor ou origem.

Acreditamos ser preciso nos voltar para a importância da diversidade como algo extremamente benéfico, visto que se todos fôssemos iguais, tivéssemos as mesmas opiniões, comportamentos, tradições, como seria possível aprender coisas novas? Qual seria a razão de existir, se não pelo prazer de nos sentir único? Filhos são diferentes, pessoas são diferentes e todas obedecem a um ritmo próprio. Nesse sentido, acreditamos ser preciso - enquanto pais, tios, educadores e todos aqueles envolvidos numa mesma rede de relações, comprometidos com a arte de educar e transmitir valores - pensar sobre a relevância de propagar, por meio de exemplos e ações, que independente das diferenças, todos temos capacidades físicas e psicológicas semelhantes, todos precisamos de amor, afeto, compreensão, aceitação que nos possibilitem um crescimento emocional e intelectual.

A mensagem da história ainda vai além. Rejeitado pela mãe, pelos irmãos e por toda a comunidade, o patinho feio nos revela que, mesmo que o mundo inteiro esteja contra nós, mesmo que estejamos sozinhos; o sofrimento e a dor teimem em dar os acordes da nossa jornada, ainda assim poderemos emergir enquanto sujeitos, em meio aos escombros que nos aprisionam dentro de nós mesmos; poderemos emergir enquanto belíssimos cisnes, na medida em que possamos ser aceitos, sobretudo, por nós mesmos; e pelo mundo em que vivemos; cada qual com sua beleza singular que o torna único perante si e perante o mundo.

Como vimos nas considerações tecidas neste estudo, autores afirmam, pesquisadores comprovam e tanto a história do patinho feio (quando aceito por seu grupo), quanto a história de Dibs (quando aceito por sua terapeuta) reafirmam que o amor, quando ofertado, cresce e se multiplica edificado no homem como o que em si há de mais nobre.

Por fim, esperamos, essencialmente, que o estudo em questão contribua para o reconhecimento da importância do afeto, do carinho e do apoio para o desenvolvimento de filhos mais saudáveis, que, independente dos traços que carreguem, sejam preparados, pela via do amor, para voar em invernos ou primaveras, em dias frios ou ensolarados, seja no calor dos desejos, dos limites ou das pulsões, características que pontuam e refletem os dramas e as alegrias inerentes a qualquer vida humana.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVICH, F. Literatura infantil: **gostosuras e bobices**. 5ª.ed. São Paulo : Scipione, 1995.
- AGUIAR, V. T. (coord.). Era uma vez... na escola: **formando educadores para formar leitores**. Belo Horizonte: Formato Editorial, 2001.
- AXLINE, V. M. Dibs: **em busca de si mesmo**; traduzido por Célia Soares Linhares – 19. ed. Rio de Janeiro: Agir, 1973.
- BELEMIN-NOËL, J. **Psicanálise e Literatura**. Tradução: Álvaro Lorencini e Sandra Nitrini. São Paulo: Companhia das Letras, 1978.
- BETTELHEIM, B. **A psicanálise dos contos de fadas**. 16ª.ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002.
- BÍBLIA. Português. **Bíblia Sagrada**. Traduzida por João Ferreira de Almeida. 1ªed. Revista e atualizada. Geográfica: São Paulo, 1999.
- BOWLBY, J. **Formação e rompimento dos laços afetivos**. São Paulo: Martins Fontes, 1979.
- BRANDÃO, J. S. **Mitologia grega**. Vol. I. Rio de Janeiro: Vozes, 1986.
- BRAZ, A. L. N. Origem e significado do amor na mitologia greco-romana. **Estudos de Psicologia**. Campinas, I 22(1) I 63-75 I janeiro – março, 2005.
- BRIANI, A. C. T. A Subjetividade na Adoção: Um Pequeno Ensaio. **Contemporânea - Psicanálise e Transdisciplinaridade**. Porto Alegre, n.06, Abr/Mai/Jun, 2008.
- _____. **Child care and the growth of love**. Middlesex: Penguin Books, 1980.
- CADEMARTORI, L. **O que é literatura infantil?** 6ª.ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- CAMPOS, M. G.; CASTRO, J. E. Freud e a Literatura. **Psicanálise & Barroco**, em revista v.12, n.1: 59-73, jul, 2014.
- COELHO, N. N. Literatura Infantil: **teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 1991.
- COELHO DOS SANTOS, T. Quem precisa de análise hoje? O discurso analítico: **novos sintomas e novos laços sociais**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- CONNOR, J. J.; RUETER, M.A. **Parent-child relationship as systems of support or risk for adolescent suicidality**. Journal of Family Psychology, 20(1), 143-155, 2006.
- CORSO, D. L.; CORSO, M. Fadas no divã: **psicanálise nas histórias infantis**. Porto Alegre: Artmed, 2006.

CRAMER, B.; PALÁCIO-ESPAZA, F. **La pratique des psychothérapies mères-bébés**, Paris: PUF, 1993.

FERENCZI, S. **Final contributions to the problems and methods of psycho-analysis**. New York: Brunner/Mazel, 1955.

FERRARI, A. G.; PICININI, C. A.; LOPES, R. S. O narcisismo no contexto da maternidade: Algumas evidências empíricas. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 37, n. 3, pp. 271-278, set./dez. 2006.

FERREIRA, E. P. A Separação amorosa: uma abordagem psicanalítica. **Psicanálise & Barroco**, v.8, n.1: 56-97, jul., 2010.

FERREIRA, M. C. T.; MARTURANO, E. M. **Ambiente familiar e os problemas do comportamento apresentados por crianças com baixo desempenho escolar**. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), 35-44, 2002.

FLEURY, M. O sufismo e o amor: uma releitura do amor em Freud. **Ide** vol.34 nº.52, São Paulo, ago., 2011.

FREUD, S. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

_____. (1906). **Delírios e sonhos na Gradiva de Jensen**. Vol. IX.

_____. (1900). **A interpretação dos sonhos**. Vol. V.

_____. (1901). **Sobre a psicopatologia da vida cotidiana**. Vol. VI.

_____. (1905). **Os chistes e sua relação com o inconsciente**. Vol. VIII.

_____. (1927). **Dostoievski e o Parricídio**. Vol. XXI.

_____. (1929). **O mal-estar na Civilização**. Vol. XXI

_____. (1926). **Inibições, sintomas e ansiedade**. Vol. XX.

_____. (1914 [2004]). **Sobre o narcisismo: uma introdução**. Vol. XIV.

_____. (1921). **Psicologia de grupo e a análise do Ego**. Vol. XVIII.

_____. (1939). **Moisés e o Monoteísmo**. Vol. XXIII.

_____. (1924). **A dissolução do Complexo de Édipo**. Vol. XIX.

_____. (1923). **O Ego e o Id**. Vol. XIX.

_____. (1917). **Luto e Melancolia**. Vol. XIV.

FREUD, A. **Infância Normal e Patológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1965.

FROMM, E. **A arte de amar**. Belo Horizonte: Itatiaia, 1991.

GOLSE, B. Sobre a psicoterapia pais-bebê: **narratividade, filiação e transmissão**. São Paulo, SP: Casa do Psicólogo, 2003.

GUIMARÃES, C. **O desejo é a essência da realidade**. Disponível em: <<https://psicosaber.wordpress.com/2009/07/07/o-desejo-e-a-essencia-da-realidade/>> Acesso: 04//02/2015.

GREEN, A. **Narcisismo de vida, narcisismo de morte**. São Paulo: Escuta, 1988.

HESÍODO. **Teogonia: a origem dos deuses**. São Paulo: Tecnoprint, 1987.

HOUAISS, A. **Dicionário Houaiss da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.

KLEIN, M. A técnica Psicanalítica através do Brinquedo: a sua história e significado, in: **Tendências**. Rio de Janeiro: Zahar, 1955.

LACAN, J. A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1957.

_____. **Onférénces et entretiens dans lê universités nord-américaines**. Scilicet 6/7, Paris, Seuil, 1976.

_____. O Seminário, livro 1: **Os escritos técnicos de Freud (1953-1954)**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

_____. Duas notas sobre a criança. In: **Opção Lacaniana**. Revista Brasileira internacional de Psicanálise. São Paulo. Eólia, 1969.

_____. **Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise**. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1978.

_____. O Seminário, livro 2: **O eu na teoria de Freud na técnica da psicanálise (1954-1955)**, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987.

_____. Le séminaire: **Livre 10: L'angoisse**. Paris: Seuil, 1962-1963.

LEBOVICI, S. **O bebê, a mãe e o psicanalista**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1987.

LUSTOZA, R. Z. A angústia como sinal do desejo do Outro. **Revista Mal-estar e Subjetividade** / fortaleza / V. VI / n. 1 / p. 44 - 66 / mar. 2006.

MANNONI, M. **A criança retardada e a mãe** (M. R. G. Duarte, trad.). São Paulo, SP: Martins Fontes, 1985.

NASIO, J. D. **O livro da dor e do amor**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997.

NISHIKAWA, S., SUNDBOM, E., & HÄGGLÖF, B. **Influence of perceived parental rearing on adolescent self-concept and internalizing and externalizing problems in Japan.** *Journal of Child and Family Studies*, 19(1), 57-66, 2010.

NOGUEIRA, J. A. **Psicanálise e Literatura Infantil: Entre a construção do gosto pela leitura e implicações no desenvolvimento da subjetividade.** Trabalho de conclusão de curso – pós-graduação lato sensu. Universidade Cândido Mendes, 2014.

NUNES, S. A. N. **Contribuições da qualidade do vínculo de apego e das práticas parentais nos problemas externalizantes e internalizantes dos filhos.** Tese de doutorado, 2012. Disponível em: <http://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/96343/300708.pdf?sequence=1&isAlloved=y> Acesso:28/01/2015.

PAIVA, P. S. C. **Dificuldades de Aprendizagem no Período de Latência.** Dissertação de Mestrado apresentada ao Instituto Superior Miguel Torga, Coimbra, 2005.

PERALVA, E. L. M.; MARTINS, M. S. A dimensão narcísica na relação entre mãe e filha: quando “viver junto é impossível e separar-nos é mortal”. **Praxis e formação**, UERJ, RJ, Ano I, p. 121-128, 2008.

PERRONE-MOISÉS, L. **Flores da escrivantina: ensaios.** São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

PIRES, A. M. S. **Aceitação - rejeição parental percebida e ajustamento psicológico e acadêmico da criança.** Dissertação de Mestrado em Psicologia. Coimbra, 2010. Disponível em: < <https://estudogeral.sib.uc.pt/bitstream/10316/15595/1/Aceita%C3%A7%C3%A3o-Rejei%C3%A7%C3%A3o%20Parental%20Percepcionada.pdf>> Acesso: 30/01/2015.

PLATÃO. **O Banquete.** 3ª ed., pp.50-70. Mem Martins, Portugal: Europa-América, 2000.

ROELOFS, J.; MEESTERS, C.; HUURNE, M.; BAMELIS, L.; MURIS, P. **On the links between attachment style, parental rearing behaviors, and internalizing and externalizing problems in nonclinical children.** *Journal of Child and Family Studies*, 15(3), 331– 344, 2006.

ROHNER, R.P. & KHALEQUE, A. **Handbook for the Study of Parental Acceptance and Rejection.** 4ªed. Storrs, CT: Rohner Research Publications, 2005.

ROHNER, R.P. The Parental “Acceptance-Rejection Syndrome”: **Universal Correlates of Perceived Rejection.** *American Psychologist*, 59 (8) 827- 840, 2004.

ROHNER, R. P.; BRITNER, P. A. Worldwide mental health correlates of parental acceptance-rejection: **review of cross-cultural and intracultural evidence.** *Cross-Cultural Research*, 36(1), 16-47, 2002.

ROMANZOTI, N. **Amor de pai é uma das principais influências na personalidade humana.** Disponível em: <<http://hypescience.com/amor-de-pai-e-uma-das-principais-influencias-na-personalidade-humana>>. Acesso: 23/01/2015

ROUDINESCO, E.; PLON, M. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

SILVA, J. S. O. **O Enigma da Morte em Machado de Assis**/ Jailma Souto Oliveira da Silva – João Pessoa: Ed. Universitária/UFPB, 2007.

SPITZ, R. A.; COBLINER, W.G. **The first year of life**. New York: Int. Univ. Press, 1965.

STERN, D. **O mundo interpessoal do bebê**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.

TEIXEIRA, L. C. Função paterna, fratria e violência: sobre a constituição do socius na psicanálise freudiana. **Psico-USF**, v. 7, n. 2, p. 195-200, jul.- dez, 2002.

VELUDO, C. M. B.; VIANA, T. C. Parentalidade e o Desenvolvimento Psíquico na Criança. **Paideia**, Vol. 22, nº. 51, p. 111-118, jan.- abr., 2012.

VILLARI, R. A. Relações Possíveis e Impossíveis entre a Psicanálise e a Literatura. **Psicologia Ciência e Profissão**. Vol. 20, nº. 2. Brasília, Junho, 2000.

_____. Literatura e psicanálise: **Ernesto Sábato e a melancolia**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2002.

VYGOTSKY, L. S. Aprendizagem e desenvolvimento intelectual na idade escolar. In: VYGOTSKY, L. S; LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. 2. ed. São Paulo: Ícone, 1988.

WANG, L.; CHEN, X.; CHEN, H.; CUI, L.; LI, M. **Affect and maternal parenting as predictors of adaptive and maladaptive behaviors in Chinese children**. International Journal of Behavioral Development, 30, 158–166, 2006.

WILLEMART, Philipe. **Educação Sentimental em Proust**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2002.

WINNICOTT, D. **Consultas Terapêuticas em Psiquiatria Infantil**. Brasil: Imago, 1984.

_____. **O brincar e a realidade**. Rio de Janeiro: Imago 1975.

ZORNIG, S. A-J; LEVY, L. Uma criança em busca de uma janela: função materna e trauma. **Estilos da clínica**. V.11 nº20. São Paulo, jun., 2006.

ANEXO

O Patinho Feio - Autor: Hans Christian Andersen

O verão havia chegado e o tempo estava muito agradável no campo, a plantação de milho se vestia de dourado, a aveia de verde, e as pilhas de feno, amontoadas nas pradarias, se revestiam de beleza. A cegonha andava por todos os lados com suas pernas longas e avermelhadas, tagarelando no desconhecido idioma egípcio, que ela havia aprendido com a sua mãe. Os milharais e as campinas eram rodeados por imensas florestas, no meio das quais podiam se ver riachos profundos. De fato, era muito agradável caminhar pelos campos.

E num recanto ensolarado, ficava uma fazenda muito antiga e aconchegante às margens de um rio muito fundo, e entre a casa e a região dos rios, folhas de bardanas cresciam livremente, indo até os lugares mais altos, e debaixo da mais alta de todas elas, uma criança podia ficar de pé. O lugar era tão selvagem como o núcleo mais central de uma espessa floresta. Nesse recanto confortável uma pata repousava em seu ninho, esperando chocar uma nova ninhada; e já estava começando a se entediar dessa tarefa, porque há muito tempo que alguns pequeninos já haviam saído da casca, e ela raramente recebia uma visita. As outras patas preferiam ficar nadando no rio, a se arriscarem e subirem suas margens escorregadias, e ficarem sentadas debaixo de uma folha de bardana, para se distraírem, jogando conversa fora com ela.

Finalmente uma casca de abriu, e depois outra, e de cada ovo saía uma criaturinha viva que levantava a cabecinha e dizia, "Pip, pip." "Quack, quack," respondia a mãe, e então, todos eles grasnavam tão forte quanto podiam, e ficavam olhando por todos os lados para as imensas folhas verdes. A mãe deles deixava que eles olhassem o quanto quisessem, porque ela dizia que o verde fazia bem para os olhos.

"Como este mundo é grande," diziam os patinhos, porque eles haviam descoberto que havia muito mais espaço ainda do que eles tinham tido quando eles estavam dentro da casca do ovo.

"Vocês estão achando que isto aqui é o mundo inteiro?" perguntou a mãe; "Esperem até que vocês conheçam o jardim; ele se estende muito além dos campos da casa do padre, mas eu jamais me arrisquei a ir tão longe. Todos já estão fora da casca?" continuou ela, esforçando-se para se levantar; "Não, me parece que o ovo maior ainda está lá. Fico pensando quanto tempo vou ter de esperar, já estou cansada de ficar aqui;" e ela voltou a se sentar no ninho.

"E então, como é que a senhora está passando?" perguntou uma velha pata, que lhe fazia uma visita.

"Um ovo ainda não está chocado," disse a pata, "está demorando para partir. Mas dê só uma olhada nos outros, eles não são mesmo os patinhos mais lindos que você já viu? Eles são a cara do pai deles, aquele ingrato, que nunca vem visitá-los."

"Permita que eu dê uma olhada no ovo que ainda não se quebrou," disse a pata velha; "Tenho certeza de que é um ovo de peru. Uma vez me convenceram a chocar alguns deles, e depois de todo o cuidado e preocupação que tive com os pequeninos, eles tinham medo de água. Eu grasnei e cacarejei, mas não adiantou nada. Eu não poderia permitir que eles se arriscassem. Quero dar uma olhada no ovo. Sim, esse é um ovo de peru; ouça o que estou dizendo, deixe-o onde está e ensine os outros pequeninos a nadar."

"Acho que vou ficar sentada em cima dele um pouquinho mais," disse a pata; "como já faz tempo que estou sentada aqui, mais alguns dias não me farão mal."

"Faça como quiser," disse a pata velha, e foi embora.

Até que um dia o ovo grande se rompeu, e um pequenino saiu para fora e gritava, "Pip, pip." Ele era muito grande e feio. A pata então, se assustou com ele e exclamou, "Ele é muito

grande e não se parece em nada com os outros. Será que ele é mesmo um peru? Logo vamos descobrir isso, quando tiver que entrar na água. Ele vai ter que entrar, nem que eu mesma tenha de empurrá-lo."

No dia seguinte o tempo estava ensolarado, e o sol brilhava forte sobre as folhas verdes de bardana, então, a mamãe pata levou os seus filhotinhos até uma pequena lagoa, e saltou para dentro dela espirrando água. "Quack, quack," gritava ela, e um após o outro os pequenos patinhos saltavam para dentro da água. A água cobria a cabecinha deles, mas num instante eles botavam a cabecinha para fora, e nadavam pra cá e pra lá despreocupadamente chapinhando debaixo da água com suas patinhas com muita facilidade, e o patinho feio também havia entrado na água e nadava com eles.

"Oh," disse a mãe, "ele não é um peru; ele sabe bem usar suas perninhas, e ele se porta com muita elegância! Ele é meu filho sim, e ele não é tão feio assim, se você olhar bem. Quack, quack! venha aqui com a mamãe, quero levar você para te conhecerem, e quero também apresentá-lo lá no pátio da fazenda, mas você precisa ficar bem pertinho de mim ou alguém poderá pisar em você; e, além de tudo, tenha cuidado com o gato."

Quando eles chegaram no pátio da fazenda, a algazarra era geral, duas famílias estavam brigando por causa da cabeça de uma enguia, que, no final das contas, acabou sendo levada pelo gato.

"Vejam, crianças, como são as leis do mundo," disse a pata mãe, enquanto afiava o bico, pois ela teria gostado de ter ficado com a cabeça da enguia para ela. "Se virem!, agora, usem suas pernas, quero ver como vocês se comportam direitinho. Vocês devem baixar suas cabeças educadamente para aquela pata velha que vem ali; ela nasceu em berço de ouro, e é de descendência espanhola, e dizem, que ela é muito rica. Vocês perceberam que ela carrega uma fita vermelha amarrada na perna dela, esse é um comportamento muito especial, e uma honra muito grande para uma pata; isso significa que todos devem ter muito respeito por ela, e que ela é admirada tanto pelos humanos como pelos animais. Vamos embora, agora, cuidado com suas patinhas, um pato bem educado os mantém bem abertos, assim como o papai e a mamãe estão fazendo, agora, abaixem o pescoço, e digam "quack" para ela.

Os patinhos fizeram o que a mãe deles havia pedido, mas o patinho que estava chegando ficou assustado, e disse, "Vejam, lá vem vindo outra ninhada, como se já não fôssemos o bastante! e que aparência esquisita tem um deles; não vamos querê-lo aqui," e então, um deles saiu correndo e o bicou bem no pescoço.

"Deixem-no em paz," disse a mãe dele; "ele não está lhe fazendo nada."

"Sim, mas ele é muito grande e feio," disse o pato mal humorado "e portanto, ele deve ser expulso daqui."

"Os outros patinhos são muito bonitinhos," disse a pata velha, a que tinha uma fita na perna, "todos, menos um; gostaria que a mãe dele pudesse dar um jeitinho nele."

"Isso é impossível, sua excelência," respondeu a mãe; "ele não é bonito; mas é bem comportado, e nada tão bem e talvez melhor que os outros. Eu acho que quando ele crescer ele vai ficar bonito, e talvez um pouco menor; ele ficou tempo demais dentro do ovo, é por isso que ele teve algum problema de formação;" e então, ela fez um carinho no pescoço dele e deu uma alisada nas penas dele, dizendo, "Ele é um pato e portanto, isso não tem nenhuma importância. Quando ele crescer ele vai ficar forte, e poderá cuidar de si mesmo."

"Os outros patinhos são muito graciosos," disse a pata velha. "Bem, fiquem à vontade, e se vocês encontrarem uma cabeça de enguia podem trazê-la para mim." E assim eles ficaram à vontade.

Mas o pobre patinho, que havia saído da casca por último, e parecia tão feio, era bicado, empurrado e zombado, não apenas pelos patos, mas também por todas as outras aves. "Ele é grande demais," todos diziam, e o peru macho, que tinha vindo ao mundo com esporas, e achava que realmente ele era o imperador, se inflava como um navio a todo vapor, e se

atirava em direção ao patinho, que ficava com a cabeça vermelha de tanta raiva, e o coitadinho não sabia para onde ir, e se sentia desprezado porque ele era muito feio e todos que viviam no cercado riam dele.

E assim acontecia todos os dias até que foi ficando cada vez pior. O pobre patinho era maltratado por todos; até mesmo seus irmãos e irmãs eram descortezes com ele, e diziam, "Ah, você é muito feio, quero que o gato pegue você," e sua mãe dizia que ela gostaria que ele nunca tivesse nascido. Os patos bicavam ele, as galinhas o derrubavam, e a menina que dava comida para as aves o chutava com o pé.

Até que ele resolveu ir embora pra longe, assustando as pequenas aves do cercado quando ele voava por cima dos mourões. "Eles tem medo de mim porque eu sou feio," dizia ele. E então, ele fechou os olhos, e voava ainda para mais longe, até que ele chegou a um grande pântano, que era habitado por patos selvagens. Ali ele permaneceu a noite toda, se sentindo muito cansado e entristecido.

Na manhã seguinte, quando os patos selvagens voavam pelo ar, eles ficaram espantados com seu novo companheiro. "Que tipo de pato é você?" diziam todos que se aproximavam dele. Ele baixava a cabeça diante deles, porque ele era um pato tão educado quanto possível, mas não respondia à pergunta deles.

"Você é um pato exageradamente feio," diziam os patos selvagens, "mas isso não importa desde que você não queira se casar com alguém de nossa família." Pobrezinho! ele não tinha sonhos de se casar; tudo o que ele queria era ter permissão para se deitar por entre os juncos, e beber um pouco de água no brejo.

Depois de ter passado dois dias no pântano, eis que dois gansos selvagens se aproximaram, ou melhor, dois filhotes de gansos, porque eles não haviam saído do ovo há muito tempo, e eram muito atrevidos.

"Ouça, meu amigo" disse um deles para o patinho, "você é tão feio, que nós simpatizamos muito com você. Você não gostaria de vir com a gente, para se tornar uma ave migratória? Não muito longe daqui existe outro pântano, onde vivem também algumas belas gansas selvagens, e todas elas são solteiras. É a tua chance de conseguir se casar; você pode ter sorte, mesmo sendo feio como é."

"Bum, bum," ouviu-se barulho de tiros no ar, e os dois gansos selvagens caíram mortos no meio dos juncos, e a água ficou tingida de sangue. "Bum, bum," repetiram-se os estrondos à distância, e um bando inteiro de gansos selvagens levantaram voo dos juncos onde estavam. O som continuava em todas as direções, pois os caçadores haviam cercado o pântano, e alguns deles até estavam sentados em cima dos galhos das árvores, e de lá viam todo o brejo. A fumaça azulada das espingardas subia até as nuvens por cima das árvores escuras, e às vezes até chegavam a atravessar as águas, de repente, um bando de cães de caça cercava por entre os juncos, que se dobravam diante deles à medida que passavam. Como isso assustou o pobre do patinho! E virou a cabeça e a escondeu debaixo de sua asa, e no mesmo instante um cachorro grande e pavoroso passou bem perto dele. As suas mandíbulas estavam abertas, a sua língua comprida dançava fora da boca, e seus olhos o fitavam assustadoramente. Ele cheirou o patinho com seu nariz, mostrando seus dentes afiados, e então, "splash, splash," entrou dentro da água sem sequer tocá-lo.

"Oh," suspirou o patinho, "graças a Deus que sou feio; nem mesmo o cachorro quer me morder."

E então, ele ficou ali quietinho, enquanto os tiros ribombavam por entre os juncos, e tiros e mais tiros eram disparados por cima dele.

O dia já estava acabando até que tudo ficou calmo, mas nem mesmo a pobre criaturinha não ousava se mover. Ele esperou silenciosamente durante várias horas, e então, depois de olhar cuidadosamente ao redor, fugiu apressadamente daquele brejo o mais rápido

que conseguiu. Voou por cima dos campos e das pradarias até que uma tempestade surgiu, e ele não tinha mais forças para continuar a lutar.

Quando a noite chegou, ele chegou a uma cabana pequena e pobre que parecia estar prestes para desabar, e só conseguia permanecer de pé porque ela não havia decidido de qual lado cair primeiro. A tempestade continuava tão violenta, que o patinho não conseguia prosseguir mais; ele se sentou perto da cabana, e então, ele percebeu que a porta não estava totalmente fechada porque uma das dobradiças havia se partido. Portanto, havia uma estreita abertura na parte de baixo, grande o bastante para ele passar, o que ele fez muito tranquilamente, e encontrou um abrigo naquela noite.

Uma mulher, um gato, e uma galinha viviam naquela cabana. O gato, a quem a dona da casa chamava de, "Meu filhinho," era o grande favorito dela; ele sabia arcar as costas, e ronronar, e ele poderia até lançar chispas do seu pelo se lhe fizessem carinho do lado errado. A galinha tinha pernas muito curtas, e então, ela era chamada de "Chica nanica." Ela gostava de botar ovos, e a dona gostava muito dela como se ela fosse sua única filha.

De manhã, o estranho visitante foi descoberto, e o gato começou a ronronar, e a galinha a cacarejar.

"O que será todo esse barulho?" disse a velhinha, olhando por todo o quarto, mas a sua vista não era muito boa; portanto, quando ela viu o patinho ela pensou que pudesse ser um pata gorda, que havia fugido de casa. "Oh, que recompensa!" ela exclamou, "Espero que não seja um pato, pois gostaria de comer alguns ovos de pata. Vamos esperar para ver."

Então, o patinho teve permissão para ficar a título de experiência por três semanas, mas não havia ovos. Agora o gato era o dono da casa, e a galinha era a dona, e eles costumavam dizer, "Nós e o mundo," pois eles acreditavam que eles eram metade do mundo, e também a melhor metade. O patinho achava que os outros poderiam ter uma opinião diferente sobre o assunto, mas a galinha não permitia que alguém fizesse esse tipo de questionamento.

"Você sabe botar ovos?" perguntou a galinha.

"Não."

"Então, tenha a bondade de ficar calado."

"Você consegue arcar as suas costas, ou ronronar, ou soltar pelos pela casa?" dizia o gato.

"Não."

"Então, você não tem nenhum direito de expressar qualquer opinião quando pessoas sensatas estiverem conversando."

Então, o patinho ficou sentado num canto, sentindo-se desanimado, até que o sol e o ar fresco começaram a entrar pela porta que estava aberta, e então, ele começou a sentir uma vontade muito grande de nadar e brincar na água, finalmente, ele não resistiu e contou tudo para a galinha.

"Que ideia absurda," disse a galinha. "Você não tem outra coisa para fazer, é por isso que você tem essas ideias malucas. Se ao menos você ronronasse ou botasse ovos, isso não aconteceria."

"Mas nadar no lago é uma coisa tão gostosa," disse o patinho, "e é tão refrescante enfiar a cabeça debaixo d'água, enquanto você mergulha até o fundo."

"Gostoso, pode acreditar!" disse a galinha, "você deve estar maluco! Pergunte ao gato, ele é o animal mais inteligente que eu conheço, pergunte se ele gostaria de ir nadar no lago, ou de mergulhar dentro dele, porque eu não vou dar a minha opinião; pergunte à nossa dona, a velhinha que está ali – não há no mundo pessoa mais sensata do que ela. Você acha que ela gosta de nadar, ou de ficar enfiando a cabeça debaixo d'água?"

"Você não está me entendendo," disse o patinho.

"Nós não estamos entendendo você? Quem é que entende você, gostaria de saber? Você se considera mais inteligente do que o gato, ou a velhinha, a nossa dona? Olha que não estou falando de mim mesma. Não fique imaginado tolices, garoto, e agradeça a tua boa sorte por ter sido bem recebido aqui. Você não está num lugar quentinho, e na companhia de criaturas que podem te ensinar alguma coisa? Mas você só gosta de tagarelar, e a sua companhia não é muito agradável. Acredite em mim, estou falando isso apenas para o teu bem. Eu poderia lhe dizer verdades desagradáveis, mas essa é uma prova da minha amizade. Estou te avisando, portanto, bote alguns ovos, e aprenda a ronronar o mais rápido que puder."

"Acho que vou sair para o mundo novamente," disse o patinho.

"Sim, faça isso," disse a galinha.

Então, o patinho saiu da cabana, e logo ele encontrou um lago onde ele podia nadar e mergulhar, mas era evitado por todos os outros animais, por causa da sua falta de atrativos.

O outono chegou, e as folhas da floresta estavam ficando cor de laranja e douradas. Depois, como o inverno se aproximava, o vento as pegava ao caírem e elas rodopiavam no ar gelado. As nuvens, pesadas por causa do granizo e dos flocos de neve, estavam ficando cada vez mais baixas, e o corvo empoleirado em cima da samambaia gritava, "Croc, croc." Só de olhar para ele o patinho já ficava tremendo. E tudo isso era uma situação muito desfavorável para o coitadinho.

Uma noite, quando o sol estava se pondo no meio das nuvens radiantes, eis que apareceu um grande bando de lindas aves que saíram de trás da mata. O patinho nunca tinha visto nada parecido antes. Eram alguns gansos, e eles dobravam seus pescoços graciosamente, enquanto exibiam a sua plumagem de estonteante brancura. Eles emitiam um grito singular, a medida que estendiam suas asas maravilhosas e voavam para longe das regiões geladas em busca de locais mais quentes atravessando os mares.

A medida que eles subiam para o céu cada vez mais alto, o patinho feio teve uma sensação estranha quando viu isso. Ele rodopiou na água como um pião, esticou o seu pescoço para observá-los melhor, e soltou um grito tão esquisito que ele mesmo chegou a ficar assustado. Será que ele conseguiria esquecer aquelas aves lindas e felizes; e quando finalmente ele não conseguiu mais avistá-las, ele mergulhava dentro da água, e aflorava de novo à superfície com grande excitação.

Ele não sabia quem eram aquelas aves, nem para onde elas haviam ido, mas ele tinha um sentimento em relação a elas que ele nunca havia tido antes por qualquer outra ave no mundo. Ele não estava com inveja daquelas lindas criaturas, mas ele tinha vontade de ser tão belo como elas eram. Pobre criatura desprovida de beleza, como ele seria feliz se pudesse viver mesmo por entre os patos se eles o tivessem incentivado.

O inverno ficava cada vez mais frio; e ele era obrigado a ficar brincando na água para que ela não congelasse, mas a cada noite o espaço que ele costumava nadar ficava cada vez menor. Finalmente a água ficou tão dura por causa do congelamento, que o gelo na água rangia quando ele se movia, e o patinho tinha de remar com suas pernas o melhor que podia, para impedir que o espaço se fechasse. Até que ele ficou muito cansado, parou e sentiu-se desprotegido, pois a água congelava rapidamente.

De manhã bem cedo, um camponês, que estava passando por ali, viu o que estava acontecendo. Ele quebrou o gelo em pedaços com seu tamanco de madeira, e levou o patinho para casa para junto de sua esposa. E o calor ressuscitou a pobre criaturinha.

Mas quando as crianças quiseram brincar com ele, o patinho achou que eles poderiam machucá-lo; então, ele ficou apavorado, e pulou agitado dentro da vasilha de leite, espirrando leite pela cozinha. Então, a mulher começou a bater com as mãos, assustando-o ainda mais. Primeiro ele voou em cima do pote de manteiga, depois subiu no barril de cereais, e saiu novamente. Que encrenca ele havia se metido! A mulher gritava, e batia nele com a pinça de pegar brasas; as crianças riam e gritavam e caíam uma em cima da outra, na correria para

pegar o pato; mas por sorte ele escapou. A porta estava aberta; e o coitado do bichinho conseguiu escapar para o meio do mato, e morto de cansaço ficou deitado no meio da neve que estava caindo.

Mas seria muito triste, se eu tivesse que contar todo o sofrimento e privação que o pobre patinho feio teve de suportar durante o impiedoso inverno; mas quando o frio foi embora, ele voltava a ficar no pântano, brincando por entre os juncos. Ele sentiu que o sol quente brilhava, e ouviu a cotovia cantando, e viu então, que tudo ao redor era uma linda primavera.

Então, o pobre patinho percebeu que suas asas estavam fortes, porque ele ficava adejando suas asas o tempo todo, até que subiu para bem alto no céu. Elas o levaram para longe, até que ele se viu num imenso jardim, antes que ele percebesse como tudo aquilo tinha acontecido. As macieiras estavam em plena floração, e os aromáticos sabugueiros derramavam sobre o riacho suas longas folhagens verdes que dividiam em dois um gramado plano e todo verde. Tudo parecia maravilhoso, no frescor do início da primavera. De um matagal nas imediações surgiram três lindos cisnes brancos, farfalhando suas asas, e nadando graciosamente sobre as águas tranquilas. O patinho então, se lembrou daquelas aves maravilhosas, e estranhamente se sentiu mais infeliz do que antes.

"Quero voar junto com aqueles pássaros reais," exclamou ele, "mas eles vão me matar, porque eu sou feio e me atrevo a me aproximar deles; mas não tem importância: é melhor ser morto por eles do que ser bicado por patos, derrubado por galinhas, ou empurrado pela menina que dá comida para as aves, ou até mesmo morrer de fome durante o inverno." Então, ele voou em direção à água, e nadou para onde estavam os belos cisnes. No momento que eles avistaram o forasteiro, de asas abertas correram para encontrá-lo com movimentos assustadores. "Mate-me," disse o patinho; e ele curvou a sua cabeça para a superfície da água, e já estava esperando para morrer. Mas o que ele viu nas águas cristalinas do lago? A sua própria imagem; não era mais uma ave com penas escuras e cinzentas, com aparência feia e desagradável, mas havia se tornado um lindo e gracioso cisne.

Ter nascido no ninho de um pato, dentro de um cercado para aves, não tinha nenhuma importância para uma ave, desde que ele tivesse sido chocado de um ovo de cisne.

Ele agora se sentia feliz por ter passado tanta tristeza e dificuldades, porque ele havia se fortalecido para desfrutar ainda mais todos os prazeres e as alegrias que estavam ao seu redor; pois os grandes cisnes nadaram para perto do recém-chegado, e com seus bicos faziam carinho em seu pescoço, dando-lhe as boas vindas.

No jardim, na verdade, havia algumas crianças que atiravam sobras de pão e bolo na água.

"Vejam," gritava a menor delas, "ali tem mais um cisne;" e todos os outros ficavam encantados, e corriam para seus pais e suas mães, dançando e batendo palmas, e gritando de alegria, "Lá vem vindo outro cisne; e apareceu mais um." Então, jogavam mais pão e bolo na água para eles, e diziam, "O mais jovem é o mais lindo de todos; ele é tão novinho e bonito." E os cisnes velhos inclinavam suas cabeças diante dele.

Então, ele ficou todo envergonhado, e escondia a cabeça debaixo de suas asas; pois ele não sabia o que fazer, ele estava tão feliz, mas não era orgulhoso de jeito nenhum. Ele tinha sido perseguido e menosprezado por causa da sua feiura, e agora ele ouvia-os dizendo que ele era a mais bela de todas as aves.

Até mesmo os pés de sabugueiros faziam reverência para dentro da água quando ele aparecia, e o sol estava quente e brilhante. Então, ele farfalhou as suas penas, inclinava seu elegante pescoço, e gritava alegremente, com todas as forças do seu coração, "Jamais sonhei com uma felicidade tão grande como esta, quando eu era apenas um patinho feio".